

## ARTIGOS

### Alexander von Humboldt: Revolucionando a Literatura de Viagem

Oliver Lubrich\*

Tradução de Lucia Ricotta\*\*

e Ivana Ivo\*\*\*

**Resumo:** O relato da viagem americanista de Alexander von Humboldt (*Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*, 3 vols., 1814-1831) desafia as genéricas definições: trata-se de um complexo híbrido de diversos discursos científicos, registros de dados empíricos, escrita de diário, e formas tradicionais de narrativa de viagem. A poética de Humboldt questiona especificamente o formato convencional do relato de viagem. Todos os seus traços centrais que poderiam dar ao texto uma coerência e torná-lo legível para o receptor estão carregados de múltiplos sentidos, tornando-o desta maneira desestabilizado: (1) o sujeito (viajante, autor, narrador, assinatura, pronomes pessoais), (2) o objeto (os países que o relato de viagem supostamente tematiza, suas várias e contraditórias formas de denominação e descrição no texto), (3) o destinatário (o leitor explícito como o leitor implícito e a comunidade interpretativa), e, finalmente, (4) o próprio texto (como um gênero literário, ou, fenômeno discursivo, seu formato, sua polifonia, sua autoreferência, sua autoreflexão. Uma análise narratológica e uma leitura estruturalista nos leva à

---

\* Professor Jr. de Retórica do Peter Szondi-Institut für Allgemeine und Vergleichende Literaturwissenschaft da Freien Universität Berlin. Professor-Visitante na Universidade de Chicago (2005), da Universidade Estadual da Califórnia em Long Beach (2006) e no Tecnológico de Monterrey no México (2007). Escreveu *Shakespeares Selbsteonstruktion* (2001) e *Postkoloniale Poetiken* (2004). É co-editor do trabalho de Alexander von Humboldt, incluindo o *Kosmos* (2004), *Ansichten der Korдilleren* (2004), *Ueber einen Versuch den Gipfel des Chimborazo zu ersteigen* (2006) e *Zentral-Asien* (2009). Em seu projeto de pesquisa atual, documenta o relato de autores internacionais, os socialistas que estiveram na Alemanha durante o período da 2ª Guerra Mundial. Escreveu *Reisen ins Reich* (2004) e *Berichte aus der Abwurfzone* (2007).

\*\* Profª Drª de Teoria e História Literária do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Autora de *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

\*\*\* Graduada do Curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

questão sobre como a poética de Humboldt reflete sua aproximação da diferença cultural. O tipo específico de desconstrução do relato de viagem, como eu a vejo, subverte, desautoriza as formas imperiais de escrita colonial. Não há “identidades” e “diferenças” que podem ser definidas inequivocadamente desde uma perspectiva privilegiada. O relato de viagem de Humboldt pode ser dessa maneira lido dentro do paradigma haurido pela teoria contemporânea pós-colonial: no encontro com o “outro”, Homi Bhabha observou, “a linguagem do dominador se tornou híbrida”.

**Palavras-chave:** Relato de Viagem. Alexander von Humboldt. Desconstrução.

**Abstract:** Alexander von Humboldt’s American travelogue (*Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*, 3 vols., 1814-1831) defies generic definitions: It is a complex hybrid of diverse scientific discourses, documentations of empirical data, diary writing, and traditional forms of travel narrative. Humboldt’s poetics specifically undermine the conventional format of the travelogue. All its central features which could lend the text coherence and make it readable for the recipient, are charged with multiple meanings and become thus destabilized: (1) the subject (traveller, author, narrator, signature, personal pronouns), (2) the object (the countries that the travelogue is supposed to thematize, their various and contradictory forms of denomination and description in the text), (3) the addressee (the explicit narratee as well as the implicit reader and the interpretive community), and finally (4) the text itself (as a literary genre or discursive phenomenon, its format, its polyphony, its self-reference and self-reflection, etc.). A narratological analysis and a structural reading lead us to the question of how Humboldt’s poetics reflect his approach to cultural difference. The specific kind of deconstruction of the travelogue which is at work here, as I argue, subverts, it de-authorizes imperial forms of colonial writing. There are no “identities” and “differences” which can be defined unequivocally from a privileged perspective. Humboldt’s travelogue can thus be read within the paradigm provided by contemporary postcolonial theory: In the encounter with “the other”, Homi Bhabha observed, “the language of the master becomes hybrid”.

**Keywords:** Travelogue. Alexander von Humboldt. Deconstruction

## 1 Sujeito

Quem está escrevendo? Quem está falando? E sobre a experiência de quem? Quem é o autor, o narrador e o protagonista? Todos os três estão fundidos na figura de “Alexander von Humboldt,”

assim como a história e a biografia nos conduziriam a supor, como a forma convencional da narrativa de viagem parece demandar, e como a maioria dos leitores esperam? Quem são os sujeitos de *Relation Historique...*?

A “assinatura” do texto já decifra os problemas com sua atribuição (MAN, 1979, p. 919-930).<sup>1</sup> O *Relation Historique...*<sup>2</sup> é a “Première Partie,” ou os volumes um, dois e três, fixados em um trabalho de 29 volumes,<sup>3</sup> cujo título estabelece uma autoria coletiva: *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*.<sup>4</sup> O subtítulo dos três volumes refere-se aos co-autores Humboldt e Bonpland, mas também a Humboldt sozinho: *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 do fait, par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt*. Se a indicação “par Al. de Humboldt et A. Bonpland” pertence aos escritores do relato de viagem ou aos participantes da viagem, está aberto à interpretação. Enquanto ambos os ‘autores’ co-assinam a dedicatória, o subtítulo adicional, “rédigé par Alexandre de Humboldt”, parece sinalizar que o último, sozinho, é o responsável pelos três volumes aqui considerados.<sup>5</sup> Mas, outra vez, o que o “rédig[er]” abrange exatamente não está claro. Poderia significar “escrever,” mas poderia também simplesmente significar

<sup>1</sup> Paul de Man e Jacques Derrida questionaram consideravelmente a unidade do gênero.

<sup>2</sup> Todas as citações são tiradas da edição original francesa: HUMBOLDT, Alexander von. *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent. Fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt*. Paris: Schoell/Maze/Smith et Gide fils, 1814-18 [31]. Os numerais romanos referem-se ao volume, os arábicos à página.

<sup>3</sup> Estamos lidando com a edição *in-quarto* (25 cm x 34 cm). Para publicação manuscrita: FIEDLER, Horst & LEITNER, Ulrike. *Alexander von Humboldts Schriften. Bibliographie der selbständig erschienenen Werke*. Berlin: Akademie-Verlag, 2000, p. 65-339. LEITNER, Ulrike. “Ich weiß wohl, daß ich meinem Werk über die Natur nicht gewachsen bin”. *Das amerikanische Reisewerk. Alexander von Humboldt. Netzwerke des Wissens*. Ed. Frank Holl. Berlin: Haus der Kulturen der Welt, 1999, p. 130-31. BECK, Hanno. “Zu dieser Ausgabe des amerikanischen Reiseberichtes. HUMBOLDT, Alexander von. *Die Forschungsreise in den Tropen Amerikas*. Ed. Hanno Beck, 3 volumes. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997, vol. 3, p. 371-489.

<sup>4</sup> O título dos 13 volumes de Humboldt em formato menor de edição de oitava (12,5 cm x 20 cm) é um pouco variada, o termo *Relation Historique* foi deixado de fora: *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt; avec un Atlas Géographique et Physique*. Paris: Librairie grecque-latine-allemande; Maze/Smith et Gide/Smith, 1816-1831. Esta versão mostra um número de outras derivações textuais em relação à edição original.

<sup>5</sup> A dedicatória no primeiro volume é assinada por “A. de Humboldt” e “A. Bonpland”.

“para editar,” para reunir coletivamente o material produzido em sua forma de publicação.<sup>6</sup>

A narrativa da viagem é ambígua ao definir não somente o sujeito autoral, mas também seu narrador e sujeito agente – ou, antes, sujeitos. Toda a voz narrativa é somente uma autoridade constante, identificável falando desde uma clara perspectiva do “Eu” ou do “nós”, ou, quando o narrador e o protagonista são gramaticalmente divididos, mas individualmente definível, fora de uma perspectiva do “ele” (“ela”) ou “eles”. À exceção da segunda pessoa do singular, o sujeito gramatical é representado por todos os possíveis pronomes pessoais. Deixando de lado o “vous” usado para se dirigir aos leitores, várias outras construções da primeira e terceira pessoas se alternam para apresentar a escrita, o relato, o sujeito agente da narrativa de viagem: a primeira pessoa do singular, “je,” e a primeira pessoa do plural, “nous;” além disso, a terceira pessoa do singular, “il,” “on,” “ce” ou “le...,” e a terceira pessoa do plural, “ils” ou “les...,” todos aparecem em diferentes tipos de usos pessoal e impessoal dos pronomes e dos artigos conforme relacionados aos vários substantivos.

A autoridade narrativa, a figura mais relevante apta a ler um original, que supostamente é parte de um discurso colonial, o “espaço de enunciação” (BHABHA, 1994, p. 37), “a posição estratégica” do autor em “seu” texto (SAID, 1979, p. 20) representam questões altamente complexas no *Relation* de Humboldt. Os significados e as referências de cada um dos termos usados para descrever o autor, o narrador e o agente flutuam.

A primeira pessoa do plural está incluída de forma variada. Em sua forma mais estrita, “nous” evoca Humboldt e Bonpland (“Nous avons passé, M. Bonpland et moi...” [III, 60]; “Les Indiens nous disoient...” [II, 253]). Em outros casos, compreende o grupo maior da viagem, incluindo os companheiros crioulos, os índios, bem como os carregadores africanos (“nous passions” [II, 253]), e, em terceiro lugar, abrange a população européia inteira (“notre continent” [I, 188 e III,

---

<sup>6</sup> Sabemos, entretanto, que o primeiro é o caso. Os diários manuscritos de Humboldt podem ser vistos no original largamente preservado, no departamento de manuscritos da Berlin Staatsbibliothek (Occidental).

408], “notre hémisphère [II, 515], “nos mers” [II, 184], “nos granites.” [I, 167]), embora em alguns momentos esteja relacionado somente aos Europeus do norte (“Dans nos régions plus septentrionales de l’Europe” [III, 294]). Entretanto, num sentido amplo, quer dizer todos os contemporâneos de Humboldt (“nous [...] aujourd’ hui” [I, 171], “notre temps” [I, 171]) ou mesmo a humanidade em geral (“notre planète” [III, 189 e III, 263], “notre espèce” [II, 601]). Na ocasião, um *pluralis didacticus* envolve os destinatários (“Nous avons vu plus haut...” [III, 218], “Nous verrons bientôt ...” [III, 574], “nous verrons plus haut...” [III, 254]).

O referente dos pronomes pessoal e possessivo varia de caso a caso. Mas mesmo os termos individuais podem ser difíceis de determinar. Se “nossa” era (“notre ère” [II, 601]) evoca uma contemporaneidade humana universal ou um entendimento eurocêntrico do calendário cristão, é tanto mais sujeito à interpretação como, por exemplo, o exato sentido do *possessivum* usado para plantas particulares: É “notre *arbre de lait*” [II, 114], a árvore do botânico na forma de um *pluralis maiestatis*, é uma descoberta mútua de Humboldt e Bonpland, a posseção intelectual ou material de todos os cientistas juntos ou o objeto temático proposto aos leitores? Quando o narrador fala do “nos vegetaux d’Europe” [I, 598] ou “notre églantinier mexicain” [I, 599], isso significa “nós” como Europeus, como americanos ou como botânicos? Quem possui “nos laboratoires” [II, 301]? De quem é a ignorância apurada quando lemos: “Nous ignorons...” [I, 167]? Às vezes, este tipo de inclusão indefinida parece funcionar como um apelo crítico, tornando tanto o falante quanto o destinatário responsáveis por um mal particular: “[N]ous devons éviter d’empirer notre position et celle de nos esclaves par l’emploi de moyens violens.” [III, 456]

A terceira pessoa do singular também tem referentes equivocados. Como no francês coloquial de hoje, o “on” impessoal de Humboldt pode ser um sinônimo para um “nous” pessoal: “Toutes les nuits on restoit à l’ancre; le jour nous visitions les îlots” [III, 470]. Mas o pronome impessoal carrega também sentidos, os quais não parecem ter equivalentes simples, pessoais. Dentro de apenas algumas linhas,

refere-se primeiro à observação de Humboldt de uma concreta prática científica. (“On distingue...” [II, 157]), depois aponta para as errôneas suposições feitas pelos nativos, as quais Humboldt refuta (“On ne connaît pas suffisamment...” [II, 157]). Em outro momento, generaliza-se a experiência pessoal do viajante (“lorsqu’on fixe les yeux” [III, 444], “on jouit” [I, 115]), sugerindo a repetibilidade da experiência (“On ne peut traverser les steppes ou savanes de l’Amérique meridionale, sans se livrer à l’espoir qu’on profitera un jour des avantages qu’elles offrent” [III, 25]). Contudo, não fica claro se a própria experiência do viajante é estilizada como um impessoal “um” ou se o pronome representa via de regra cientistas, futuros viajantes, um administrador hispano-americano ou interesses comerciais europeus. Entretanto, “on” parece implicar um leitor (incluindo Humboldt), como oposto a um “autor” não mencionado, diferente (si l’on veut se placer sur le terrain que l’auteur de cet ouvrage a choisi de préférence” [III, 547]). Em outras ocasiões, lemos de “[c]es hommes de couleur, que l’on désigne sous le nom de *Peones Llaneros*...” [II, 160]. Quem está designando? Quem é a autor(idade) da descrição? O texto de Humboldt tem uma resposta precisa. No entanto, dirige a atenção dos seus leitores precisamente para esse ponto problemático conscienciosamente variando seus sujeitos gramatical e semântico.

Além dos pronomes pessoais, as personificações mantêm seu lugar no texto como sujeitos suplementares. Aparecendo mais ou menos como nomes pessoais, tais como “le voyageur” [I, 148 e II, 582], “[l]e navigateur” [II, 653], “[l]e spectateur” [I, 459] ou “l’homme” [I, 436], a terceira pessoa do singular se encontra também em amplo uso, de vez em quando, igualmente como um plural, tal como em “les voyageurs” [II, 271]. Quando “o viajante” e “o geólogo” aparecem como protagonistas ativos, não fica claro se o referente é Humboldt/Bonpland, o individual ou o generalizado, abstrato, a figura ideal-típico (européia ou americana) – que pode ser fictícia: “[L]géognose [...] est placé...” [III, 47], “le géognoste européen est frappé d’étonnement” [III, 106]. A terceira pessoa do plural é tão vaga quanto é a singular:

“De simples voyageurs naturalistes aiment à rendre ici aux habitants de la Havane le même témoignage de reconnoissance que leur ont rendu ces étrangers illustres...” [III, 460]. Da mesma forma, não estão claras as diversas metonímias poéticas, tais como, “l’oeil” [I, 140], “les yeux” [II, 362], “nos regards” [I, 440] ou “la vue” [III, 559]. Fracassando em denotar igualmente uma figura artificial oculta, elas simplesmente determinam sua “visão” como sujeito da percepção.

Além da dispersão semântica dos numerosos sujeitos textuais, através de variações na forma gramatical, além das indecidibilidades no conteúdo e oscilações de referência, uma alternância irritante inicia-se quando muitas dessas variantes se cruzam. Por exemplo, encontramos “nous,” “il” e “on” [I, 318-319] tudo somente entre duas páginas. Alguns exemplos são: “comme nous l’avons déjà rappelé” – “je n’ai pas eu occasion de vérifier” – “on pourroit regarder” [III, 246]; “Je n’ignore pas...”, “Peut-on...”, “Est-ce...” [I, 394]; “on descend...”, “... nous a fait connoître...”, “Je crois” [III, 196]. Em consequência disso, os leitores ficam desorientados cada vez mais sem encontrar uma escrita, um discurso, uma autoridade ativa, uma instância que daria ao texto coerência e direção. O leitor tem que contrariar essa desorientação com um esforço significativo de acabamento semântico.

Para um relato de aventura autobiográfica, a primeira pessoa do singular é conspicuamente rara em se referir ao autor, ao narrador ou ao protagonista. O nome “Alexander von Humboldt” não é mencionado uma única vez.<sup>7</sup> Um “Eu” literário raramente abre caminho dentro do texto. Quando, em momentos isolados, a primeira pessoa do singular aparece (“mon observation” [II, 686]), ou quando notas de rodapé referem-se às publicações de Humboldt (citado, em regra geral, de forma neutra, como se pertencendo a alguma outra pessoa: “de Humboldt e de outras autoridades recentes” [III, 78]), cabe aos leitores conectar os fragmentos soltos, preencher as inconsistências e construir coerência e autoridade no discurso *malgré lui*.

<sup>7</sup> Destacado do título, o nome de Humboldt aparece apenas como referência nas suas notas de rodapé, em sua forma abreviada, “Humb.” [III, 573], ou como uma fonte em dado coletados, e neste caso ele usa a versão francesa, “PAR A. DE HUMBOLDT” [III, 627].

Mas, mesmo quando um “Eu” aparece, falta regularidade em sua referência semântica. De fato, durante sua viagem, o viajante adota múltiplas identidades. A auto-concepção de Humboldt submetese a múltiplas metamorfoses. Examinando o quê (ou a quem) um temporário narrador identificável parece estar se referindo, torna-se claro que essa mesma referência perde sua identidade como os outros sujeitos-proposições semânticos. A identidade-construção de Humboldt é múltipla por natureza. Uma variação romanizada aparece proeminentemente no título – “Alexandre de Humboldt”. Abaixo da dedicatória, ele abrevia seu nome de maneira diferente, “A.” ao contrário de “Al.” na página-título.

Nas poucas passagens auto-descritivas, as quais oferecem informação autobiográfica, o viajante define-se a si mesmo (geralmente de maneira indireta) pelo lugar de nascimento, pertencimento, nacionalidade, língua, religião (ou antes, a falta dela), estereótipos, experiências ou profissões e, mais uma vez, de modo nebuloso. Alternando suas auto-descrições, posiciona-se às vezes continentalmente como um Europeu,<sup>8</sup> semi-continentalmente como um Europeu do norte,<sup>9</sup> nacionalmente como alemão<sup>10</sup> ou em termos de cidadania como prussiano,<sup>11</sup> embora as diferenças entre Prússia, Alemanha e Europa como origem indireta, direta e como ampla origem política e cultural são indistintas.<sup>12</sup> O termo “compatriota” (como uma referência aos prussianos, alemães e europeus) pode ser completamente irônico, quando o viajante, por exemplo, chama um homem da Pommerania (região distante da Prússia-Polônia) seu “compatriota europeu”.<sup>13</sup> Ademais, Humboldt define-se regionalmente como um nativo de Brandenburg<sup>14</sup> ou num sentido ainda mais estrito e

<sup>8</sup> “un Européen” [II, 410].

<sup>9</sup> “le voyageur qui est né dans le nord de l’Europe » [II, 363], « des gens du nord de l’Europe » [III, 5].

<sup>10</sup> “Pendant les cinq ans qu’a duré mon voyage dans l’Amérique espagnole, je n’ai trouvé occasion que deux fois de parler ma langue natale. [III, 532]; « mon infortuné compatriote, M. Burckhardt” [II, 605].

<sup>11</sup> “Le premier Prussien [III, 532], « ma patrie, [...] en Prusse » [III, 460], « je reconnus à sa physionomie et à son accent un Prussien natif de Memel. Depuis que j’étois en Amérique, je n’avois pas eu occasion de parler la langue de mon pays, et j’aurois désiré en faire usage dans une circonstance plus opportune. » [III, 43]

<sup>12</sup> “Cet homme blond et blême étoit un de mes compatriotes, né sur les côtes de la Baltique [III, 532].

<sup>13</sup> “notre compatriote européen » [III, 533].

<sup>14</sup> “Natif d’un pays du nord, [...] la Marche de Brandebourg » [III, 407].

vago (e, finalmente enganoso), como tendo nascido em planícies bálticas não-denominadas.<sup>15</sup> De modo sutil, ele não se define por meio de uma religião, mas pelo fato de ter sido exposto a uma cultura religiosa.<sup>16</sup> Esboçando estereótipos nacionais, lembra quão ilusório pode ser atribuir uma identidade baseada em conhecimento externo.<sup>17</sup> Capciosamente, Humboldt apresenta-se como alguém vindo da França,<sup>18</sup> e, por meio de uma série particularmente sofisticada de negativas, como alguém que nem veio das colônias, nem da Espanha.<sup>19</sup> As experiências da infância e da adolescência são citadas, mas raramente permitem uma compreensão concreta de seu passado.<sup>20</sup>

As curiosas construções de Alexander von Humboldt sobre seu sujeito literário são semelhantes ao auto-posicionamento de Odisseu na *Odisséia* de Homero: Ulysses encena sua identidade em cada lugar de sua viagem pela evocação de seu nome, pelo relato de sua estória de vida (para Alkinoos e sua corte), pela revelação de suas origens dinásticas (“filho de Laertes”), pela exposição de um traço corporal (sua cicatriz), pela divulgação do conhecimento da informante (a cama imóvel), pela comprovação de um talento característico de arqueiro, bem como pela ênfase em sua identidade como uma lacuna (vazio): οὐδεὶς, “ninguém”.<sup>21</sup>

Além de fazer uso de detalhes regional, nacional e biográfico, Humboldt se introduz pragmaticamente como um consultor, por

<sup>15</sup> “Né dans les plaines sablonneuses des régions baltiques » [III, 36], refere-se apenas vagamente ao lugar de nascimento de Humboldt, em Berlim.

<sup>16</sup> “né dans le sein de l’église calviniste » [II, 594]; « j’étois né dans la partie protestante de l’Allemagne. » [I, 410]

<sup>17</sup> “Partout où je passai dans l’Amérique méridionale, on venoit me montrer des échantillons de minerais, dès que l’on savoit le lieu de ma naissance. Dans ces colonies, tout François est un médecin, et tout Allemand est un mineur.” [I, 389].

<sup>18</sup> “Notre hôte étoit un François qui [...] sembloit bien aise d’apprendre que nous venions de son pays. » [II, 627]

<sup>19</sup> « un étranger non espagnol » [III, 5].

<sup>20</sup> « ne connoissant jusqu’à l’âge de dix-huit ans l’existence d’une roche que par ces blocs épars... » [III, 36].

<sup>21</sup> O diário de viagem de Humboldt pode ser lido como uma *repetição* da *Odisséia*: Humboldt parece entender essa viagem como errância e perambulação largamente não-planejada. Ele usa muitos motivos homéricos (encontra, por exemplo, um rapsodo, que canta suas ações). Vários episódios podem ser lidos em analogia com as doze paradas de Ulysses (a caverna Guácharo como a entrada para o submundo, os índios carnívoros como cíclopes, o sacrilégio em Atures como o roubo das vacas divinas etc.). A curiosidade etnográfica do herói homérico funciona como paradigma da viagem de aventura do descobrimento. O viajante dos trópicos é de modo similar um *πολυτροπος* como o foi se experiente precursor.

exemplo, um perito em mineração<sup>22</sup> e, nos termos entre suas numerosas disciplinas, como um geólogo. Ele se descreve como um cientista natural<sup>23</sup> ou como um historiador<sup>24</sup> e se posiciona com tradições profissionais e literárias alternativas.<sup>25</sup>

É difícil, senão impossível, compor a *identidade* coerente ou reconstruir uma *biografia* coesa das separatas do texto *biographèmes*.<sup>26</sup> O *Relation Historique* é polifônico. O sujeito autoral é suprimido enquanto entidade com voz autônoma representando uma experiência subjetiva. A recepção do relato de viagem, entretanto, tende a atenuar as diferenças e a preencher as lacunas. Como resultado disso, leituras indiferentes à construção formal do texto suplementam o sujeito como uma ficção organizacional que reúne seu discurso. De fato, estamos lidando com um vazio.

Indicadores temporal e local complementam os poucos detalhes biográficos (“De mon temps” [III, 52] e “jusqu’ici” [III, 70 e III, 215]), embora palavras como “hoje” e “aqui” descrevam tanto a época da narração quanto o tempo narrado, e eles se referem também a Europa e aos dias atuais (a Paris de 1830?) ou às colônias e ao passado (a Venezuela de 1800?).

Vista desde uma perspectiva estruturalista, o viajante “Eu” não denota referente externo de forma alguma. Se se percebe o “Eu” narratologicamente, seu caráter pluri-significativo torna-se óbvio tanto como sujeito impessoal de uma “enunciação” quanto como sujeito pessoal do processo de “enunciação” (BENVENISTE, 1966). Linguisticamente, e isso é o que o *Relation Historique* parece demonstrar, o autor é somente uma instância nebulosa. O narrador “Eu” é, portanto meramente uma função da linguagem que preserva o texto reunido, só provisionalmente. A linguagem literária tem, no máximo, um “sujeito” (gramatical), mas não

<sup>22</sup> “ayant été voué dès ma jeunesse aux travaux pratiques des mines, dont la direction m’avoit été confiée, je sais...” [III, 104].

<sup>23</sup> “De simples voyageurs naturalistes» [III, 460].

<sup>24</sup> “Historien de l’Amérique» [III, 445].

<sup>25</sup> O texto poli-disciplinar de Humboldt é a realização de uma autoria coletiva, na medida em que se desenvolveu a partir da viagem comum com Aimé Bonpland. Além disso, é o resultado de uma cooperação internacional de cientistas, a junção de uma “rede global de conhecimento”, como uma exposição de 1999 em Berlim (at *Haus der Kulturen der Welt*) sugeriu em seu título.

<sup>26</sup> Para uma anti-autobiografia fragmentada, ver: Roland Barthes *par Roland Barthes*. Paris: Seuil, 1975.

uma “pessoa” (real) (BARTHES, 1966-1973, p. 491-495). Nas palavras de Roland Barthes: “*qui parle* (dans le récit) n’est pas *qui écrit* (dans la vie) et *qui écrit* n’est pas *qui est*.” (BARTHES, 1977, p. 7-57)

De todos os escritores, talvez seja Alexander von Humboldt quem cuja fama e presença discursiva estão na maior desproporção com a recepção de sua obra. Seus poucos intérpretes que aproximaram sua escrita de um ponto de vista literário ignoraram a divergência presente em sua autoria, nas vozes narrativas e nas figuras de representação, e simplesmente supuseram-nas idênticas ao do pesquisador histórico e escritor.<sup>27</sup> Ette (1991, p. 1563-1597), entretanto, diferencia três “figuras narrativas”: o viajante “testemunha ocular,” “uma instância narrativa” e o “comunicador científico” num “plano mais elevado de reflexão”, que age como um editor, incluindo retrospectivamente notas de rodapé com referências acadêmicas. Mas Ette também reivindica: “para Humboldt, as diferentes figuras narrativas ou instâncias narrativas formam uma unidade. Certamente, para o leitor (contemporâneo) também: o gênero do relato de viagem garante por si mesmo uma identidade entre o viajante, o narrador e o autor.” (p. 1580-1581). É precisamente essa trindade ‘natural’ a mais gravemente confundida.

A aparente não-ficcionalidade do relato de viagem é problemática. Uma aproximação histórico-biográfica que conta com a figura mítica do viajante, do autor e do narrador, provavelmente negligenciaria a composição literária do texto. À luz dos desconcertantes procedimentos textuais, até o modelo de Ette necessita ser mais dissecado. Nem o viajante histórico, nem o autor real, nem o narrador textual estão bem definidos. Humboldt desconstrói sua identidade subjetiva autoral, narrativa e de protagonista criando múltiplas identidades, dotando-as de sentidos divergentes, e deixando-as entregues à ambivalência. Mas, mesmo nesse texto, essa negação da identidade unívoca não pode ajudar, antes serve para reproduzir a si mesmo (quando dizemos: “Humboldt estrututra...”). Falar sobre literatura é menos complexo do que a própria

<sup>27</sup> Por exemplo, Juan A. Ortega y Medina conecta o uso incorreto da obra com aquele de seu autor: « Estudio preliminar. » HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre el Reino de la Nueva España*. Ed. Juan A. Ortega y Medina, trans. Vicente González Arnao. México: Editorial Porrúa, 1966, p. VII-LIII.

literatura e deve, contrariamente a um melhor conhecimento, reverter as construções artificiais. A menos que façam um esforço considerável para negligenciar as inconsistências, os leitores perdem sua orientação segura e sua identificação com uma instância estável. Porque nem a escrita, nem a narrativa, nem um sujeito representável produzem coerência ao relato de viagem. O autor, o narrador e o viajante desaparecem no texto. Sua unidade, constitutiva do relato de viagem, dissolve-se.

## 2 Objeto

O que está sendo descrito? Da área percorrida, assim como da viagem, da escrita e da instância narrativa Humboldt evita uma definição clara.

Significativamente, são os termos “quase desconhecidas” que esboçam primeiramente o objeto do texto (“des régions qui, depuis siècles, sont restées presque inconnues” [I, 2]), posteriormente também os termos “distante” e “pouco visitadas” (“des régions lointaines et peu visitées par les Européens” [I, 40]) ou, simplesmente, “bela” e “tórrida” (“ces belles régions situées sous la zone torride” [I, 41]), ou o termo vago “exótica” (“une nature exotique” [II, 67]) ou abertamente “ces contrées” [II, 116]. De fato, o título descritivo, “[les] Régions équinoxiales du Nouveau Continent,” permite ao menos dois sentidos, dependendo se ela é compreendida como histórica ou geológica. De modo idêntico, o “novo continente” é “novo” porque sua formação geológica ocorreu após a da Europa, África e Ásia, ou porque é vista pelos europeus como descoberta histórica recente.<sup>28</sup>

Como uma regra, Humboldt nomeia o destino de sua viagem pela combinação de um substantivo e um atributo, começando no título e, depois, seguindo ao longo do texto. Varia os usos de capitulares e o uso de letra pequena, bem como de artigos e hífen. Os termos substituem uns aos outros de acordo com o princípio de combinatórias. Nesse processo permutativo, a região da viagem é rotulada com (a) substantivos e (b) atributos, também com adjetivos, no genitivo ou como construções preposicionais:

<sup>28</sup> Humboldt argumenta contra a “suposta juventude do Novo Mundo” [II, 69].

- (a) Amérique, l'Amérique, les Indes, monde, Monde, continent, Continent, régions, Régions, tropiques, Tropiques, climats, hémisphère, terrestre de la moitié du globe terrestre, l'Occident, l'ouest, colonies, zone, provinces, contrées, le pays, les pays, la nature, la Terre-Ferme, Paria, Tierra de Amerigo;
- (b) Nouveau, nouveau, espagnol, Espagnol, équinoxial, presque inconnu, lointain, peu visité par les Européens, du Sud, équatorial, sous la ligne, bas, éloigné, meridional, austral, occidental, continental, vaste, exotique, beau, torride, d'outre-mer.

A abundância e a heterogeneidade resultantes dessa combinação parecem indicar a dificuldade em definir o objeto do discurso. Humboldt cita “incorretamente” até seu próprio título, quando hifeniza *Nouveau Continent* em seu texto “mon *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau-Continent*” [III, 615]. Quando encontra-se dois termos correspondentes em letras maiúsculas e minúsculas em uma única sentença (“la comparaison du Nouveau-Continent avec les parties de l'ancien” [III, 232]) e, quando o contexto maior prova que isso não é um erro tipográfico isolado, fica claro que estamos testemunhando uma destruição direta da terminologia.

Embora pareçam coincidir, as designações não são sinônimas, nem ideologicamente “inocentes”. Elas podem estar imbuídas de *brisança* política, quando Humboldt, por exemplo, descreve “le continent de l'Amérique espagnole” [III 290], “les provinces d'outre-mer” [II 198], ou, quando ele levanta dúvidas e recomendações de cautela: “[l]es colonies ou (comme il est peut-être plus juste de dire) [...] [l]es provinces d'outre-mer” [III 46]. Usando esses termos, Humboldt utiliza a perspectiva espanhola e propaga sua direção imperial, de acordo com a qual a província é uma parte integral da metrópole. Em outros lugares, ele antecipa sua independência rotulando: “l'Amérique espagnole” um “country,” “pays” [III, 153], *sui generis*.

Às vezes, os nomes derivam de um modelo de mundo binário. Eles propõem uma perspectiva clara, uma ordem simples, e uma

hierarquia estável. As oposições entre “oriente” e “ocidente”, “leste” e “oeste”, “norte” e “sul”, entre zonas “quentes” e “frias”, entre “velho mundo” e “novo mundo” dividem o globo em duas partes simples. Essas oposições são sujeitas a mutações e inversões: O oeste (“l’Occident” or “l’occident”) refere-se *vis-à-vis* à Europa [II, 539], mas, também, o Oriente refere-se *vis-à-vis* à América e a Europa [III, 89]. Analogamente, o leste compreende, por um lado, a Europa e o “Oriente” *vis-à-vis* América, e, por outro, *vis-à-vis* América, o Oriente *vis-à-vis* Europa e América (por uso ambivalente da terminologia: I, 372 e III, 457). Topografias se sobrepõem geográfica e culturalmente.

O conceito temporal de ‘juventude’ da América sugere que a “descoberta colonial” em si suporta uma aparente energia criativa, ou que o futuro pertence a uma América livre (ANDERSON, 1981, p.187-206)<sup>29</sup>. Face a uma “nova” América está “la vieille Europe” [II, 545] e “la vieille Espagne” [III, 97]. A narrativa de viagem refuta a posição de autores, tais como Raynal, de Pauw, Buffon e Hegel, que advogaram uma teoria na qual o “novo” continente foi considerado “imaturo” (na tão aclamada “Disputa sobre o Novo Mundo”). Humboldt decididamente contestou essa posição (ETTE, 2002, p. 40-41 apud LOETSCHER, 1970, p. 666). O termo “nouveau”, entretanto, indica, se não existencialmente ao menos cognitivamente, que a perspectiva é européia. Isso permite a cientistas europeus ‘descobrir’ “novas” espécies (“nouveaux genres,” “nouvelles espèces” [I, 372], “plantes nouvelles” [I, 291]), embora elas devessem ser familiares para os habitantes nativos. ‘Novo’ sempre retoma a Europa, ou os europeus, sinônimos da ciência ‘universal’. “Personne ne s’est jamais approché de cette montagne” [II, 377], evidentemente significa: “no European”<sup>30</sup>. “Ils nomment *Javicon* l’arbre inconnu...” [II, 435], significa: desconhecido *para o viajante*. Adjetivos como, distante (“ces

<sup>29</sup> Em particular, as passagens de ‘Space New and Old’ e ‘Time New and Old’, p. 187-99. O paradigma dos atributos da colônia ‘velho’ e ‘novo’ (“the strange habit of naming remote places [...] as ‘new’ versions of (thereby) ‘old’ toponyms in their lands of origin.” [187]) é retomado e invertido pelos movimentos de independência.

<sup>30</sup> “[P]ersonne n’avoit connoissance » [II, 394]. « Personne ne connoît le vaste terrain qui s’étend entre le Meta, le Vichada et le Guaviare, à une lieue de distance de la rive. » [II, 386].

régions lointaines” [II, 1], “ces climats éloignés” [II, 67]) também definem o estrangeiro em relação ao ‘familiar’, e classifica-o no interior de uma hierarquia binária.

Os termos escolhidos para designar as regiões viajadas, portanto, podem fazer uma grande diferença. Até se eles estão inseridos em um contexto que deve defini-los parcialmente, eles contêm implicações lexicais, etimológicas, semânticas que não concordam umas com a outra. Humboldt geografiza o leste- e o oeste, entre o Oriente e Ocidente,<sup>31</sup> bem como em direção ao Norte e ao Sul.<sup>32</sup> A palavra ‘hemisfério’ enfatiza uma organização binária.<sup>33</sup> Os conceitos ‘Índia’,<sup>34</sup> ‘Pária’<sup>35</sup> ou ‘América’ (GORMAN, s/d, p. 116-36)<sup>36</sup> têm índices culturais, históricos e mitológicos. O termo ‘clima’<sup>37</sup> como um sinônimo para o espaço geográfico carrega conotações naturalista e essencialista. O atributo ‘tórrido’ refere-se meramente a características naturais.<sup>38</sup> A idéia de ‘zona’ oscila, etimologicamente, entre sexualização e astronomia.<sup>39</sup> E até o conceito de ‘continente’ é ambivalente: deve implicar tanto uma contiguidade com algum outro (Europa) quanto uma coesão em si mesma (América).<sup>40</sup> A palavra ‘região’

<sup>31</sup> O ‘Occident’ como Ocidental, na Alemanha metonimicamente: ‘Abendland’, lat. *occidentalis*, ocidental, de (*sol*) *occidens*, de *ocidere*, cair, perecer, desaparecer, relacionado a *ocidere*, abater, matar. Analogamente: (*sol*) *oriens*, ‘Orient’, Leste, pôr do sol, em Alemão metonimicamente: ‘Morgenland’, *orientalis*, oriental, de *ori*, levantar, ascender, desenvolver, crescer, começar (como *origo*, a origem).

<sup>32</sup> O termo ‘south’, “sud” na França, tem uma antiga raiz Inglesa, “suth” (moderno: “south”), não uma raiz latina. Cria-se, assim, uma relação com um contexto cultural diferente.

<sup>33</sup> Hemisfério, do grego h {misu, metade, h} h {mivseia, to; h {misu, ta; h} mivseia, e h} sfai~ra, o globo.

<sup>34</sup> O termo ‘Indian’ deriva do rio ‘Indus’. A história de sua transferência para a América era bem conhecida por Humboldt.

<sup>35</sup> Pária significa, por um lado, na Índia: pertencente a mais baixa casta, igualmente em português (permanecendo a palavra para Tambor): socialmente marginalizada, e designa o absolutamente ‘estrangeiro’. Esse termo coincide com o nome do Golfo de Pária da América do Sul ou da Costa Venezuelana do Caribe. Ver O’GORMAN, Edmundo. *La invención de América. Investigación acerca de la estructura histórica del nuevo mundo y del sentido de su devenir* [1958]. México: Fondo de cultura económica, 1995, p. 105.

<sup>36</sup> América, como é bem sabido, foi assim nomeada por Amerigo Vespucci, um herói do ‘descobrimento’ europeu.

<sup>37</sup> O termo clima, Greek *klivma*, lat. *climatis*, é derivado de *klivnein*, *clinamen*, e originalmente tem a ver com a ‘inclinação’ de um ponto na terra em relação ao sol.

<sup>38</sup> Lat. *torridus*: quente em chamas.

<sup>39</sup> Zona, de *zona*, o cinto, cinto das mulheres, símbolo da virgindade, herpes (zóster), as três estrelas no cinturão de Orion, cinturão da terra, zona. O termo “zone” abriu o campo da antiga “teoria da zona,”. Ver, por exemplo: Vergil, *Georgica*, I, 231ff. A dimensão sexual não é pronunciada no texto de Humboldt.

<sup>40</sup> Continente, do lat. *continere*, manter junto, conectado, *continens*, relacionar, contido em si mesmo, portanto *terra continens*, uma terra contida, terra principal, o continente. (Ver O’Gorman. *La invención de América*, p. 144.)

associa império e fronteiras.<sup>41</sup> ‘Província’<sup>42</sup> e ‘colônia’<sup>43</sup> são entidades políticas com conotações hegemônicas; ‘pátria’,<sup>44</sup> sustenta conotações nacionais. ‘Terra’,<sup>45</sup> ‘mundo’<sup>46</sup> e ‘globo’<sup>47</sup> são universalistas. ‘Lugar’<sup>48</sup>, em um nível superficial, parece ser neutro, mas implica uma intimidade inadequada. ‘Terra firme’<sup>49</sup> é uma definição meticulosamente relativa. O termo ‘além-mar’ perspectiviza e alteriza<sup>50</sup>. O ‘outro’ é algo que está *além* em um-entre-espaço. O atributo ‘meridional’ refere-se a uma hora do dia, especificamente o meio dia: a posição do sol desde um ponto de vista Europeu<sup>51</sup>. Comparativamente, ‘equinocial’ temporaliza, com um acento sobre a medida, balanço e simetria<sup>52</sup>. ‘Austral’ sofreu uma mudança de sentido: originalmente designado o ‘leste’, é usado por Humboldt para designar o ‘sul’<sup>53</sup>. O mundo ‘exótico’ contém muitas conotações: científicas, nacionais e climáticas<sup>54</sup>. E mesmo o adjetivo ‘baixo’<sup>55</sup> está implícito em seu julgamento valorativo, refere-se ao objeto do relato da viagem. O termo ‘trópicos’ aparece não somente em duas diferentes ortografias, com letra pequena (“tropiques”) e grande (“Tropiques”),

<sup>41</sup> Região do lat. *regere*, direcionar, guiar, marcar, desenhar fronteiras, *regio*, a direção, linha, fronteira, linha facial (uma vez imaginada, na linguagem dos adivinhos, a ser desenhada no céu), regiões do céu.

<sup>42</sup> Província, do lat. *provincia*, etimologia *pro-vincere*, derrotar, conquistar; definida na Roma Antiga como um território conquistado, colocado sob administração centralizada da metrópole (Roma), em seu sentido estrito: uma colônia.

<sup>43</sup> Colônia, do lat. *colere*, (originalmente de *quelo*, circular, girar), cuidar, construir, cultivar, habitar, acomodar, educar, honrar, idolatrar; outro derivado é *cultus*, cultivado, formado; *colônia*, significa assentamento, colônia, *colon*, colono, colonista; significativamente, a transcrição Espanhola do nome de Colombo, *Cristóbal Colon*, significa “Um colonizador que traz cristandade” (a Colon-ização = colonialismo).

<sup>44</sup> Em francês, “pays”, em Espanhol, “país”.

<sup>45</sup> Em francês, “[t]erre”, em Espanhol, “Tierra,” do lat. *Terra* (estritamente: seca).

<sup>46</sup> Em francês, “monde”, do lat. *mundus* (Mundo).

<sup>47</sup> Em francês, “globe”, do lat. *globus* (globo, meteoro).

<sup>48</sup> Em francês, “contrées”.

<sup>49</sup> Em francês, “Terre-Ferme”.

<sup>50</sup> Em francês, “d’outre-mer”.

<sup>51</sup> Meridional, Sul, do lat. *medii die*, metade do dia, *meridies*, meio-dia, metonimicamente: Sul, *meridianus*. Como um adjetivo: meio dia. Como um substantivo: o meridiano, em princípio, sinônimo de equador, no século XVII entendido como longitude.

<sup>52</sup> Lat. *Aequinoctium* (*aequus +nox*), igualdade entre dia e noite. *Aequinoctialis*, momento em que o dia e a noite são igualmente longos.

<sup>53</sup> Austral, Sul, refere-se ao latim *aurora*, o avermelhado céu da manhã, igualmente *auster*. Leste (além do mais, Áustria, o país. A mudança do significado para *auster*, o vento sul(deste), (que traz chuva), metonimicamente: sul, *australis*, meridional, resultado de uma orientação incorreta do eixo italiano. Por contraste: boreal, norte, do latim *boreas*, grego *boreval*, o vento do norte, metonimicamente: norte, *boreus*, *bovriol*: do norte, setentrional, do norte, metonimicamente: norte, vento norte, *septentrionalis*, do norte, *septentrionalia*, regiões do norte.

<sup>54</sup> Exótico, do grego *εξωτικὸν*, do lat. *Exoticus*, estrangeiro.

<sup>55</sup> Em francês, “bas”.

mas também em um duplo sentido: designa os trópicos de Câncer e de Capricórnio, bem como a região situada abaixo dos dois: os ‘trópicos’ podem ser tanto linha quanto espaço.<sup>56</sup> Para a longitude, ‘equatorial’<sup>57</sup> funciona em analogia aos sentidos espacial e linear de ‘Trópicos’ e ‘tropical’. Acrescentados a esses, as várias áreas de descritores preposicionais, tais como, “entre” ou “sous” orientam os leitores à confusão. Em uma passagem escrita em latim, Humboldt usa ainda uma fórmula estranha para designar o objeto da sua viagem: “in ora Asiae septentrioni opposita” [III, 42]: “na região oposta ao norte da Ásia”.

Cada um dos termos acima estabelece um modo de referência, que carrega uma específica imprecisão característica. Direções são aproximações severas, e dependem do ponto de partida. O equador e os trópicos, sendo globais, referem-se a todas as regiões situadas na mesma latitude da Ásia e da África igualmente. Humboldt geralmente resiste em usar nomes coloniais para áreas específicas. Ao invés disso, ele faz repetidamente a decifração etimológica dos nomes existentes e os verifica a partir de uma perspectiva histórica sob olhar crítico (TODOROV, 1992, p. 33-35) (GREENBLATT, 1994, p. 82-85) (OPPITZ, 1969, p. 277-429)<sup>58</sup>. Em outros casos, o texto endereça auto-reflexivamente seu próprio uso problemático dos nomes geográficos, por exemplo, o uso incorreto da palavra ‘americano’: “Le mot *Américain* ne peut plus être appliqué aux citoyens seuls des États-Unis de l’Amérique du Nord” [III, 64].

A toponímia de Humboldt mostra uma estranha combinação de discursos. Sua percepção multifacetada da América é visível em seus rótulos descritivos. As regiões visitadas são concebidas a partir de múltiplos paradigmas: mitológico (austral, boreal, setentrional), histórico

<sup>56</sup> A ambivalência na etimologia do termo ‘trope’ (*oj tropol* – ‘tropo’, significando ‘volta’, como um trópico geográfico, e como uma linguagem básica figurada, um ‘*tropo*’ retórico) pode ser lida como uma poetologia implícita: o discurso de Humboldt sobre a geografia dos trópicos é marcado por um excesso de *tropos* retóricos.

<sup>57</sup> O Equador, do lat. *Aequator* como “mesmo,” “equitativo,” de *aequare*, fazendo até, fazendo o mesmo, comparando.

<sup>58</sup> Renomear áreas era uma atividade colonial essencial, por exemplo, para Cristóvão Colombo. O fato que de todos os nomes, precisamente o nome, “Humboldt”, o portador que se priva dessa prática, é hoje o mais comum e o mais amplamente disseminado no grande mundo geográfico deve ser aceito como uma ironia da história.

(Índia, América, Pária), geográfico (equatorial, meridional, tropical), político-colonial (como a Província Espanhola), revolucionário (como um país separado), climático (equinocial, meridional, quente), temporal (novo) ou perspectivo (distante, estrangeiro, desconhecido). Com efeito, muitas camadas semânticas se sobrepõem e, eventualmente, neutralizam umas às outras. Os *strata* históricos do conhecimento recobrem-se um ao outro; concepções diversas estão entrelaçadas umas às outras. Humboldt parece tentar apreender seu objeto na mais ampla totalidade. De fato, as combinações terminológicas incomuns confinam-se à sua própria desconstrução. Humboldt impõe tantos descritores diferenciais para o objeto do seu discurso que este perde o contorno<sup>59</sup>. Abrindo-a para tantas esferas de interpretação, a descrição dificilmente guarda uma denotação comum. Elas representam a polissemia. E expõem seu objeto em sua indefinibilidade.

Alexander von Humboldt emprega um grande número de noções para a área que percorreu, entre 1799 e 1804. Ele se recusa a priorizar um grande termo geográfico. Opta por não desenvolver uma repetição contínua e, assim, des-etimologiza e de-semantiza o *significante principal* para que um conjunto de estereótipos aglomere, fortaleça e o imunize, como Said (1979, p. 1-28) argumentou a respeito do conceito europeu de “Oriente”. Alexander von Humboldt nem inventa, nem assume um termo que poderia de alguma forma estar relacionado ao termo “Oriente”. Seu texto não é “ocidentalista”, não é “latinoamericanista” (SANTÍ, 1994, p. 62-64). Sinaliza antes a *aporía* do discurso colonial.

### 3 Remetente

Quem é o destinatário? Quem é o leitor implícito dos relatos de viagem? À luz da proliferação do conhecimento profissional e das digressões que enveredam por vários campos, de grupo alvo indefinido, de fato, nenhum leitor individual, incluindo hoje nós mesmos pode

---

<sup>59</sup> Se alguém fosse sobre-interpretar o texto, até a dedicatória seria significante, desde que seu destinatário suportasse um nome que indiretamente sugerisse algo estranho, a cena indefinida da viagem de Humboldt: Monsieur *De La Place*.

imaginar absorver e digerir o completo relato da viagem. Portanto, à vista do conceito do texto em questão, o grupo de referência torna-se difuso. Uma comunidade interpretativa pode, na melhor das hipóteses, ser vista como extremamente heterogênea ou parcial.

Assim como se formula uma série de destinatários por meio do texto, o relato conseqüentemente manipula, multiplica, confunde e nubla seu “leitor implícito” (ETTE, 1996, p. 1581-94).<sup>60</sup> Humboldt se volta para vários grupos de interesses distintos, embora raramente de forma explícita *ad publicum*. Um discurso dialógico direto é a exceção, não a regra.<sup>61</sup> O imperativo é raro.<sup>62</sup> O jovial *adhortativus* aparece raramente: “[R]eportons maintenant nos yeux...” [III, 32]. Humboldt raramente usa a primeira pessoa do plural como uma maneira de envolver os leitores.<sup>63</sup> Outra alternativa configura-se quando um destinatário indefinido aparece na forma da terceira pessoa: “[O]n me pardonnera d’être entré dans quelque détail...” [III, 571]. Em determinada ocasião, Humboldt simula um discurso direto e até evoca seu efeito acústico: “[É]coutons l’auteur d’un mémoire” [III, 437]. Neste caso excepcional, no qual invoca um “autor” fisicamente presente, falando com uma voz que o destinatário pode ouvir (embora ele não possa ser idêntico ao escritor), torna-se evidente até que ponto o texto desvia-se de tal ficção convencional.

Quem se oculta por trás das ocasiões isoladas de endereçamento direto? Para que grupo-alvo Humboldt está escrevendo? O texto propõe mais de um: o francês que estava apto a ler a publicação parisiense, a sociedade alemã próxima a Humboldt antes de sua viagem e depois de seu retorno de Paris, a comunidade científica global, o público acadêmico de vários campos e contextos, parceiros científicos individuais, futuros pesquisadores, a posteridade, o rei espanhol que representa o patrono da viagem, a pessoa para quem o relato é dedicado, a administração colonial,

<sup>60</sup> Ottmar Ette identifica três leitores implícitos: mais ordinariamente um “Leitor Europeu” [1582], sua “seu ideal-tipo baseado em Paris” [1583] e, adicionalmente, um “Leitor Latino-Americano” [1583]. Já no caso da voz (es) narrativa (as), este modelo necessita ser mais adiante diferenciado.

<sup>61</sup> “Si vous examinez le sol du côté opposé au vent, vous le trouvez humide long-temps après la saison des pluies.” [III, 4]

<sup>62</sup> “Examinez l’état actuel de l’industrie du Brésil, calculez [...] parcourez [...] et répondez [...]” [III, 423].

<sup>63</sup> “Si [...] nous reportons notre vue sur l’objet qui nous occupe spécialement dans ce chapitre...” [III, 96].

os investidores e comerciantes europeus, colonizadores, a população indígena, a elite crioula, o movimento independente hispano-americano, e a futura geração republicana ibero-americana. Estamos lidando com grupos alvos muitos distintos, com todos que seletivamente receberam o relato? Como Humboldt previu seu público, ou antes, seus públicos? Como o texto constrói seu público-leitor? (ISER, 1994, p. 50-67).

De vez em quando, o *Relation Historique* procura um amplo público-leitor. Ele cuida de recursos importantes para o interesse geral e para o compromisso de torná-lo de fácil entendimento e, ainda, para enfatizar que *todos* devem ser capazes de ler o texto. Essa premissa traz consequências retóricas. Demanda que o estilo de escrita seja simples: “J’ai cru devoir réunir ici ces notions générales [...] pour donner quelque intérêt au récit d’un voyage à travers des terrains d’un aspect si monotone.” [II, 160]. Sua intenção em escrever para um leitor médio é didática: “Pour mieux graver dans la mémoire...” [III, 206]<sup>64</sup>. Mas isso demanda que Humboldt conceda todas as explicações que poderiam exigir muito de seus leitores e que poderiam diminuir-lhes os prazeres com o livro: “[C]’est pour ne pas entretenir le lecteur de la libre jouissance...” [III, 146]

O texto abstém-se verdadeiramente de estabelecer um grupo-alvo abrangente, personificado em um singular ‘leitor’ tipo-ideal (“le lecteur”), pela introdução de uma série de comentários a distintos segmentos especiais<sup>65</sup>. Às vezes, o texto está explicitamente endereçado ao público francês - e, além disso, a um singular coletivo: “J’ajouterai, pour le lecteur français, un exemple tiré des cartes hydrographiques de la France.” [II, 392]. Então, novamente, ele usa a forma negativa para referir-se a “um leitor fora da Espanha “le public hors de l’Espagne” [III, 546]. Várias passagens endereçam-se a um público-leitor específico com formação distinta, ou, muito concretamente, a profissionais altamente especializados de várias

<sup>64</sup> “Cette remarque sert à fixer plus facilement dans la mémoire du lecteur la position géographique...” [II, 153] « Pour mettre constamment le lecteur dans le cas de pouvoir refaire les calculs fondés sur la connoissance des faits... » [III, 526].

<sup>65</sup> Humboldt dirige-se a especialistas nas seguintes ciências naturais, ciências que se desenvolveram como disciplinas no século XIX: hidro - e oceanografia, hidrobiologia, geografia, cartografia, geologia, zoologia, botânica, geografia das plantas, meteorologia, climatologia, astronomia, medicina, farmácia, toxicologia, mineração e ciências ambientais, entre outras.

disciplinas: “Je pense rendre service au petit nombre de géologues” [I, 336]; “le lecteur botaniste” [II, 38]; “je suppose le lecteur instruit dans la théorie des arts chimiques” [I, 384]. Em certa ocasião, Humboldt desenvolve uma equação tão complexa que exclui todos aqueles não formados em ciência naturais (como o autor deste ensaio)

$f(0,015 m - 0,47)$ , tant que  $m > 50^\circ$ . Soit  $0,015 m - 0,47 = m; f =$   
 $\text{mét.}/0,005123 \times (10)\text{t.}0,0279712 - \text{t}^2.0,000062583; a = f \times 1221,8$   
 $/ 1 + \text{t.} 0,00375; b = a \times m; c = f \times 42 \text{ millim. et } d = c (1 - m)$ . [I  
 245; and this is only an excerpt!<sup>66</sup>]

Depois disso, quem pode ainda ser considerado o destinatário?

Às vezes, os especialistas acadêmicos são definidos geograficamente: “[J]e tâchai de ramener l’attention des savans d’Europe...” [III, 293-294], ou, até temporariamente, por exemplo, quando Humboldt endereça-se aos *futuros* cientistas: “J’invite les naturalistes, plus instruits dans la connoissance des fossiles que je ne l’étois alors...” [III, 48].<sup>67</sup> Quando Humboldt dirige passagens diretas, seletivamente e opcionalmente, para grupos de interesses específicos, aqui, aos historiadores, impõe um interesse profissional prévio como uma restrição adicional aos seus leitores: “Je recommande surtout à ceux qui veulent étudier le caractère de cet homme extraordinaire...” [III, 473]. E depois, novamente, se volta ao mundo acadêmico universal inteiro: “unis les savans de toutes les nations...” [I, 11].

O relato visa a instruir futuros viajantes. Em suas funções pragmáticas, organiza-se como manual de consulta [I, 145, footnote 2]. As respectivas alusões são numerosas: “Je conseillerois au voyageur qui arrive sous les tropiques...” [III, 285], “Je rappelle aux voyageurs le chemin...” [II, 146], “les voyageurs doivent visiter...” [III, 351], “J’invite les naturalistes à examiner...” [I, 205], “Des naturalistes-collecteurs [...] pourroient...” [II 270]<sup>68</sup>. Os conselhos de Humboldt são de vez

<sup>66</sup> O contexto é hidrométrico.

<sup>67</sup> “Je rappelle ces circonstances, parce qu’elles peuvent intéresser ceux qui voudront un jour examiner la précision de mes travaux.” [III, 45] « [J]e me borne à la simple énumération des *phénomènes de gisement*, tout en indiquant quelques vues théoriques d’après lesquelles des observateurs, placés dans des circonstances plus avantageuses que je ne l’étois, pourront diriger leurs recherches.” [III, 262]

<sup>68</sup> “Je conseille aux voyageurs...” [II, 512]; « je dois conseiller au voyageur... » [II, 278]; « nous

em quando científicos e, ocasionalmente, dicas práticas de viagens (“le pilote doit éviter...” [II, 668]). Seus conselhos alvejam pesquisadores, ou são geralmente dirigidos “à ceux qui veulent entreprendre des courses lointaines” [II, 358].

Num outro sentido pragmático, o texto endereça-se aos administradores ou àqueles que tomam decisões políticas: o governo espanhol<sup>69</sup> e o regulamento colonial sobre as províncias americanas.<sup>70</sup> Humboldt dirige nossa atenção para a agricultura colonial que, a seu ver, se beneficia com idéias obtidas por viajantes pesquisadores [II, 43-44]. Por outro lado, ele também escreve para a administração de uma república des-colonizada<sup>71</sup>. O *Relation Historique* lista muitas recomendações formais, que Humboldt dirige a algum desses destinatários<sup>72</sup>, geralmente conforme pedido.<sup>73</sup> Sua atividade de consultor parece ter sido disponibilizada a todos. Até o militar sul-americano foi aconselhado pelo cientista [III, 105-106 e III, 550].

O relato da viagem espera ter valor de uso prático (“grande importance pratique” [III, 266]) para diversos grupos de interesse específicos. Os quadros estatísticos, tal como expressamente enfatizados, são úteis para cientistas e viajantes, ou para as autoridades políticas e militares, bem como para negócios privados (“une grande utilité aux négocians” [III, 604]). A elite crioula é explicitamente convocada: “[J]’ai conseillé aux riches propriétaires de ces contrées...” [II, 76]. Investidores internacionais são chamados também.<sup>74</sup> Humboldt descreve a *Amérique*

---

invitons plutôt les voyageurs qui visiteront après nous les missions de l’Orénoque à continuer nos recherches... » [II, 333]; « On ne sauroit assez recommander aux voyageurs d’examiner... » [III, 474]; « J’insiste sur des incidens d’un intérêt personnel, pour engager les voyageurs à... » [III, 55]; « C’est là un point qu’on ne sauroit assez recommander aux recherches des voyageurs. » [III, 288]

<sup>69</sup> “elles devoient être sérieusement méditées par les hommes d’état qui sont appelés à discuter les intérêts politiques de la Péninsule. » [III, 428]

<sup>70</sup> “Pour réunir ici tout ce qui peut éclairer le gouvernement de ce pays » [II, 716]; « on pourroit [...] construire un autre port » [II, 645]; « le gouvernement du Venezuela » [III, 105]; « les personnes chargées » [III, 105]; « l’intérêt de l’administration » [III, 105]; « pour diriger l’administration » [III, 604]; « pour [...] l’examen de la société civile » [III, 604].

<sup>71</sup> “pour appeler l’attention des hommes qui gouverneront un jour la Guyane pacifiée » [II, 592].

<sup>72</sup> “un rapport fait au gouvernement sur l’état industriel et commercial de ces contrées » [II, 581]; « un mémoire adressé, en 1800, au chevalier Don Mariano Luis de Urquijo » [II, 498-499].

<sup>73</sup> “j’ai été récemment consulté par des personnes éclairées qui appartiennent aux nouveaux gouvernements de l’Amérique équinoxiale » [III, 141]; « des personnes respectables qui font partie des nouveaux gouvernements établis dans l’Amérique espagnole, ont désiré connaître, pour les besoins de l’administration intérieure... » [III, 76]

<sup>74</sup> “J’ai cru devoir donner un grand développement à la description géognostique de l’Amérique

Hispânica como “un vaste champ à l’esprit entreprenant du mineur” [III, 266], e dá suporte à sua exploração de acordo com o mercado livre principal: “[L]e travail que je publie dans ce moment, de même que l’*Essai politique sur la Nouvelle-Espagne* [sic] [...], contribueront à diminuer ces obstacles.” [III, 266]

O texto descreve proposições científicas, práticas, políticas, militares e econômicas para vários grupos, mas também faz sugestões corriqueiras para indivíduos. Endereça-se aos colonos europeus (“J’ai construit [...] une carte du pays [...] qui [...] offrira un jour le plus d’appât aux colons européens.” [II, 668]). Tem sugestões para a população indígena sobre como aperfeiçoar seu sistema de irrigação tradicional [I, 336]. Em outra ocasião, o narrador fala amplamente a todos os habitantes das regiões pelas quais viajou, aos Índios, Africanos e Brancos, Espanhóis, Crioulos e outros europeus: “J’indiquerai ici, pour l’intérêt des personnes qui habitent ces contrées...” [II, 635]. O texto, então, estabelece uma comunidade de todos os povos que vivem nos trópicos por um longo tempo e que compartilham experiências similares (“Ceux qui, comme moi, ont vécu long-temps sous le beau ciel des tropiques” [III, 97]).

A forma aparentemente arbitrária de endereçamento de Humboldt contrasta, entretanto, com seu compromisso decisivo, seu explícito partidário e seu apelo político (KISCH, 1983, p. 467-75) (MONGE, 1999, p.5-15):<sup>75</sup>

Il appartient au voyageur qui a vu de près ce qui tourmente ou dégrade la nature humaine, de faire parvenir les plaintes de l’infortune à ceux qui peuvent la soulager. [III, 446]

---

du Sud [...] surtout à cause des efforts honorables tentés récemment en Europe pour vivifier et pour étendre l’exploitation des mines [...]. De grands capitaux ont été réunis pour atteindre un but si utile. Plus la confiance publique a agrandi et consolidé ces entreprises dont les deux Continents pourront tirer des avantages réels, plus il est du devoir de ceux qui possèdent une connoissance locale de ces contrées de publier des matériaux propres à faire apprécier la richesse relative des gîtes de minerais dans les diverses parties de l’Amérique espagnole. » [III, 266]

<sup>75</sup> O apoio de Humboldt à *Independência* das colônias tem frequentemente sido discutido em: HUMBOLDT, Alexander von. (Ed.). Margot Faak. *Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution* (antologia dos diários). (Berlín/GDR: Akademie-Verlag, 1982; Por outro lado, os compromissos de Humboldt com os compromissos da elite foram repetidamente criticados.

A mais exclusiva, a mais precisa e a mais pessoal de todas as formas de endereçamento, a dedicatória é dirigida a uma pessoa identificada logo no começo do relato da viagem.<sup>76</sup> Essa prova de afeto, entretanto, não leva o texto subsequente a um longo monólogo escrito para uma única pessoa. A *Relation Historique* de Alexander von Humboldt pertence tanto a esse concreto indivíduo quanto aos grupos específicos diretamente evocados, ou, claramente e simplesmente, “para todos”. O texto é escrito tanto para a monarquia colonial como para o movimento de independência americana, para os investidores europeus e os fazendeiros indianos, para os cientistas altamente especializados e para o leitor mediano. Ninguém pode considerar ele ou ela como os destinatários ao longo do texto. Conquanto possamos frequentemente deduzir pelo contexto para que grupo particular determinada passagem seja dirigida, em ocasiões diversas, não podemos saber para quem a informação fora pensada. Os grupos alvos de Humboldt são múltiplos. Nem um destinatário direto, nem um leitor implícito “virtual” são claramente empregados; é difícil imaginar um leitor ideal que fosse capaz de apreender o texto em sua total complexidade. O destinatário e o leitor implícito como construções literárias se obscurecem assim como a própria pessoa de Humboldt enquanto escritor, narrador e sujeito agente, bem como a definição das regiões viajadas como uma cena e um objeto temático.

#### 4 Texto

Quando o alicerce da comunicação literária, sujeito, objeto e destinatário são desconstruídos, de que maneira funciona formalmente a *Relation Historique*? Como o relato de viagem é organizado e estruturado? Como é escrito estilisticamente? E como reflete sua própria forma?

É quase impossível definir a escrita de Humboldt nos termos da teoria de gêneros e da poética formal, não se espera reivindicar qualquer precisão. Primeiro, o “relato da viagem” é inacabado (volumes

---

<sup>76</sup> O primeiro volume do parisiense em edição *in octavo*, de 1816, contém uma dedicatória para “L’Illustre Auteur de la Mécanique céleste, P. S. De La Place, comme un foible hommage d’admiration et de reconnaissance.”

subsequentes foram planejados: fala-se de “les trois volumes qui ont déjà paru” [III, 615, itálico nosso]. A *Relation Historique* é um fragmento. Depois da chegada de Humboldt à Colômbia, o texto termina abruptamente e inesperadamente [III, 579]. E as últimas páginas do relato, os apêndices “Additions” [III, 629] e o “Table des matières,” conduzem a um anticlímax completo na conclusão.<sup>77</sup>

Além do mais, o trabalho não é de modo algum uma publicação autônoma. Nos 29 volumes do projeto-América, a *Relation Historique* abrange apenas três “Tomes”. A “Introduction” dirige essa situação [I, 15-28]. A passagem sobre a primeira visita de Humboldt a Cuba [III, 345-458 e III, 580-629, “Additions”], que aparece duas vezes, dentro do relato de viagem e na separata *Essai politique sur l’île de Cuba* (1826), complica problemas futuros.

Além de fazer parte de um *corpus* abrangente, o relato de viagem é demarcado e acessível por meio de uma série de elementos que lhe servem de moldura: as capas, os títulos de páginas, índices e “Table[s] des matières” [I, 642-643; II, 721-722 e III, 631-632] pertencentes a cada um dos três volumes e, além disso, o livro e os títulos dos capítulos em algarismo romanos e subtítulos, os quais sumarizam o conteúdo em notas. A dedicatória acima mencionada é um outro *paratexto*. Uma “Introduction” [I, 1-38] inicia o livro.

O texto principal está estruturado em onze “Livres” e 29 “Chapitres”. Numerosos sub-formatos divididos ao menos em seis categorias aparecem em intervalos irregulares: “Notes” sobre livros específicos (Livre 1 [I, 267-288], Livre 3 [I, 504-507], Livre 4 [I, 623-638], Livre 5 [II, 129-131], Livre 7 [II, 439-440], Livre 8 [II, 719], Livre 9 [III, 155-321], Livre 10 [484-501]); e junto com “Note additionnelle” acrescentadas mais tarde [III, 320-321]<sup>78</sup>; uma nota suplementar, “Note supplémentaire” [III, 627-629]; outras “Additions” [III, 580-629]; e, finalmente outra, diferentemente classificada “Supplément” [I, 639-640]. Além disso, os primeiros dois volumes trazem correções, “Errata”

<sup>77</sup> A parte da viagem que não é contada na *Relation historique* pode ser reconstruída através dos diários de Humboldt.

<sup>78</sup> “Ce n’est qu’au moment où ces feuilles doivent paroître, que j’ai pu avoir communication d’une pièce officielle...” [III, 320].

[I, 641, II, 720]. E, ao lado desses seis formatos, uma pletera de notas de rodapé no corpo do texto. Elas suprem uma fonte de informação, elaborações, suplementos, referências sobre os próprios trabalhos de Humboldt sobre os de seus colegas, bem como uma fonte de referências para outras seções do relato de viagem. Uma rápida olhada é suficiente para nos dar uma idéia de sua extrema heterogeneidade. Só a estrutura do texto já torna impossível uma leitura linear. (O simples tamanho do formato *in folio* dos volumes é já um empecilho em si).

A tipografia varia muito: as notas de rodapé têm uma fonte menor, a introdução, uma fonte maior que o texto principal. O texto principal é predominantemente, mas não completamente, impresso em letras de tamanho normal, mas, às vezes também num tamanho menor que o tamanho das letras das notas de rodapé do texto. A fonte muda de formato e de tamanho entre a introdução, o texto principal e os páratextos sem uma aparente estratégia de base. O uso do itálico é outra técnica que faz o texto parecer menos coerente: termos de outras línguas e os nomes de plantas recém-descobertas são italizados. Uma passagem isolada é italizada completamente [II, 684] e, assim, enfatizada. Não apenas a organização, mas também a imagem do texto é des-homogeneizada.

A linguagem da *Relation Historique* é igualmente complexa. Como um híbrido, parece quase antecipar o *Finnegans Wake*. O livro é poliglota: a língua principal é o francês, embora os elementos botânicos e zoológicos sejam definidos em latim [II, 243 e II, 340]. Outra passagem usa o latim para descrever fenômenos desagradáveis (“ce phénomène physiologique bien extraordinaire, que je préfère de décrire en latin...” [III, 42]). Terminologia alemã e citações são empregados nas passagens sobre geologia. Apenas em duas ocasiões durante sua viagem Humboldt usa sua língua materna como recurso (“la langue de mon pays” [III, 43]) embora não a use de fato. O inglês (“j’ai quelque habitude de m’exprimer en anglais” [III, 43] salva sua vida quando ele se depara com piratas. O espanhol falado pelos nativos e muitas línguas indígenas são citados repetidamente; muitas expressões idiomáticas aparecem nas seções

linguísticas como dados para pesquisa. O apêndice e as notas também contém citações em várias línguas.

Em sua estrutura, tipografia e uso da linguagem, o relato de viagem é inconsistente, e o meio que ele emprega é mais um fator responsável por provocar a impressão de heterogeneidade. Números (tais quais expressos em tabelas, estatísticas, colunas de dados, fórmulas, equações) e imagens (gravuras nas páginas de rosto, desenhadas, esboçadas, outras gravuras em preto e branco e coloridas em outras partes na série-América) são reproduzidos ou citados (“J’ai fait graver l’esquisse [...] que j’ai levé le jour de notre arrivée.” [II, 509]). Humboldt inicia um discurso usando todas as formas de meios disponíveis para ele.

Ocorrências tardias (“comme nous le verrons bientôt...” [II, 157] para comparar [II, 339 e III, 463], ou conhecimento pós-factual [II, 606 e II, 669] frequentemente interrompem a cronologia da narração (“[p]our ne pas revenir plusieurs fois sur les mêmes objets” [I, 545]), como escritos prospectivos e retrospectivos. Humboldt também repetidamente comenta sua própria recepção pelo público: nos artigos de jornal e em edições piratas de seu livros e, mais tarde, comenta a aprovação popular aos volumes já publicados. Quanto mais o tempo passa entre seus escritos e a publicação deles, mais o texto discute sua própria ressonância. Passagens auto-referenciais marcam o sempre crescente lapso de tempo entre a viagem e o seu relato. (“je n’ai appris à connoître que depuis mon séjour à Paris (en octobre 1830)...” [III, 596]).<sup>79</sup> As muitas datas inscritas no interior dos livros sinalizam a falta de coerência entre os três volumes: “J’ai fait voir, il y a déjà sept ans...,” escreve Humboldt em seu terceiro volume, quando vê o segundo volume [III, 422]. E ele já havia retornado da sua expedição subsequente (à Rússia, em 1829), antes de ter completado seu primeiro relato: “ce troisième volume, dont la publication a été long-temps interrompue par mon voyage aux

<sup>79</sup> “Dans la publication tardive de ma *Relation Historique*, que j’ai fait précéder d’ouvrages de sciences d’un intérêt circonscrit, j’ai été devancé par des voyageurs qui ont traversé l’Amérique vingt-cinq années après moi.” [III, 547] « Encore aujourd’hui, après un si long intervalle de temps » [III, 567]; « à l’époque déjà éloignée de mes voyages en Amérique » [III, 196]; « Il y a cependant déjà près de 25 ans que j’ai remonté le Cassiquiare » [III, 117].

montagnes de l'Oural et de l'Altai" [III, 580]. As datas são problemáticas, devido, entre outras coisas, ao fato de que passagens individuais foram escritas depois dos anos citados na publicação.<sup>80</sup> A distância temporal entre as três partes do *work in progress* é considerável e as mudanças contextuais, intertextuais, formais e de conteúdo-base são notáveis. Mais e mais dados coletados retroativamente na Europa são incorporados ao texto. O *ductus* muda, as descrições perdem sua imediatez. O viajante envelheceu. Sua memória começa a se apagar. Ele torna-se nostálgico. Humboldt admite: "Les années qui se sont écoulés depuis [...] ont ajouté aux charmes de ces impressions..." [III, 568]

Estilisticamente, a *Relation Historique* escapa a todas as definições possíveis. Varia continuamente os modos de escrita e muda o gênero. Oscila entre estilo de diário e épico, descrição estética, tratamento científico e ensaio político: entre narração, *ekphrasis* e factografia. Outras formas de escrita vão além dessa rude tipologia: o "Jornal de Route" [I, 267-275], o episódio novelístico [I, 508-509; II, 87-88 e II, 329], a 'citação direta' dos 'informantes' nativos (II, 51; "Les Indiens assurent..." [II, 176, similar: II, 177]), longas citações da literatura [II, 7-8 e II, 499], documentações [I, 47], cópias de fontes textuais externas (por exemplo, uma carta escrita para Felipe II por López de Aguirre [II, 129-130] um tratado sobre o açúcar da beterrada [III, 496]), uma crônica [I, 176-179] e uma cronologia [II, 19], um memorando, uma descrição de um projeto (o esboço do Canal do Panamá [III, 142-149]), um apêndice científico em larga escala [I, 224-266 e III, 56-149], um relatório de pesquisa (em várias notas de rodapé), uma simples nota [III, 467, nota de rodapé 3], uma série de notas com marcadores [III, 81], um catálogo [II, 25-27], uma lista de vocabulário [I, 482; I, 505-506; II, 355 e II, 366-367] e uma compilação de dados em tabelas,<sup>81</sup> bem como um metatexto auto-reflexivo. No diário de viagem de Humboldt, estamos lidando com um verdadeiro híbrido sem precedentes tanto em seu conteúdo quanto em sua forma (BÖHME, 2001, p. 17-32).<sup>82</sup>

<sup>80</sup> "Tout ce qui précède jusqu'à la fin de la 69<sup>e</sup> feuille, a été rédigé et imprimé à Paris avant mon départ pour Berlin, au printemps de 1827. La rédaction des autres feuilles qui terminent le Volume III est postérieure à mon retour de Sibérie et des côtes de la Mer Caspienne » [III, 553].

<sup>81</sup> Humboldt incorpora mais dados ao final de *Relation historique*: 30 tabelas no volume I, 25 no volume II e 203 no volume III.

<sup>82</sup> Hartmut Böhme interpreta o híbrido de *Ansichten der Natur* como o resultado de uma tensão

A hibridez manifesta do texto é, entre outros fatores, um resultado das circunstâncias de seu início: foi parcialmente realizado a partir de anotações escritas em campo. Entremeadado a essa estrutura básica, está o material pesquisado posteriormente em Paris. A proximidade do relato de viagem com suas fontes modifica significativamente sua produção poética, bem como sua produção estilística. Algumas passagens estão mais próximas do diário original que outras. Por exemplo, a descrição do famoso percurso ao rio Orenoco está muito próxima do relato espontâneo de um diário de campo [II, 210ff.]. Em outros segmentos, também, o *Relation* tem um tipo de estilo de diário, a narração se torna imediata e às vezes é narrada no tempo presente.<sup>83</sup> Em sua maior espontaneidade, Humboldt imita o discurso oral (em passagens como “j’aurais presque dit” [I, 395]).

Ocasionalmente, Humboldt comenta sobre como seu gênero muda de acordo com as diferentes fontes que ele consulta. Ele se refere aos formatos dos seus documentos originais e até os cita diretamente: um diário (“la forme ordinaire d’un journal” [I, 2], “mon journal rédigé sur les lieux” [II, 49<sup>84</sup>]), um diário de bordo (“mon journal nautique” [III, 322]), um caderno de medidas astronômicas (“un *Journal* qui renfermoit les observations astronomiques” [III, 459]), registros de dados (“mes registres” [II, 376]), *memoranda* (“mon mémoire sur les limites...” [II, 499]) e muitos outros manuscritos (“les manuscrits” [III, 458-459]). Ele caracteriza sua escrita como um processo de edição baseado nesse material [por exemplo: I, 28-29], como tardias reformulações (“sur mon journal” [II, 244]) ou como escrita de memória (“à ma mémoire” [II, 244]) (GREIFF, 1969, p. 393-398; FAAK, 1986, p. 27-35; 1990, p. 11-14; BIERMANN, 1986, p. 9-26).

Como as auto-descrições do texto correspondem à sua forma híbrida? Humboldt mais de uma vez faz um esforço para determinar o gênero de seu *Relation Historique*. Alega ser uma publicação científica:

não resolvida entre a ambição acadêmica e a estética.

<sup>83</sup> “Revenu à la Terre-Ferme de l’Amérique méridionale, je vais jeter un dernier coup d’œil sur le bassin entier de la Mer des Antilles.” [III, 513]

<sup>84</sup> « la rédaction de mon journal » [III, 547]; « le récit d’un événement que j’ai consigné dans mon journal » [II, 410]; « Je vais transcrire de mon journal » [II, 640]; « j’ai perdu cette partie de mon journal » [III, 469]; « noter sur mon journal » [III, 563]; « dans mes journaux » [III, 511]; « les journaux de mon voyage ne me permettent que d’indiquer ces doutes... » [III, 577]

“Voulant conserver à mon ouvrage le caractère d’un ouvrage de sciences...” [II, 449]. “J’ai désiré conserver à la relation de mon voyage [...] le caractère qui lui est propre, celui d’un ouvrage de science.” [III, 547]. Esta definição ainda contrasta fortemente com as perspectivas formuladas no título. O texto polemiza abertamente contra sua própria auto-descrição.

J’avois quitté l’Europe dans la ferme résolution de *ne pas écrire ce que l’on est convenu d’appeler la relation historique d’un voyage*, mais de publier le fruit de mes recherches dans des ouvrages purement descriptifs. [...] Au milieu d’une nature imposante, vivement occupé des phénomènes qu’elle offre à chaque pas, le voyageur est peu tenté de consigner dans ses journaux ce qui a rapports à lui-même et aux détails minutieux de la vie. [I, 28, grifo nosso.]

Humboldt proclama com uma clareza incomum sua intensa repulsa ao formato que ele próprio escolheu para o seu título: “mon extrême répugnance à écrire la relation de mon voyage” [I, 29].

No precário processo de estabelecer seu gênero, Humboldt nomeia os princípios de sua prática literária, de seu processo de auto-edição e o qualifica como um processo de natureza puramente científica: “M’étant imposé la loi de ne décrire que des faits, et de comparer les rapports qui existent, en différens pays...” [II, 525], [j]’ai supprimé, dans la rédaction de mon journal, tout ce qui a déjà été dit sur l’aspect et la construction des villes, le vêtement des différentes castes, le matériel de la vie commune, et les moyens de transport.” [III, 547]

Esta tarefa auto-imposta, entretanto, é impossível de ser preenchida. O *Relation Historique* não pode ser um típico relato de viagem e, aparentemente, está também longe de ser uma não-ficção convencional. Talvez sequer pretendesse ser uma dessas coisas. Um diário, o gênero poetologicamente mais afastado dos tratados científicos, oferece algumas vantagens:

En entrant dans un pays si peu visité, et dont une partie seulement a été décrite par ceux qui l’ont parcouru, j’ai plusieurs motifs pour

*conserver à mon récit la forme d'un journal.* Sous cette forme, le lecteur distinguera plus facilement ce que j'ai pu observer par moi-même et ce que je rapporte d'après le témoignage des missionnaires et des indigènes. Il suivra les voyageurs dans leurs occupations journalières; et, appréciant à la fois la brièveté du temps dont ils pouvoient disposer et les difficultés qu'ils avoient à vaincre, il les jugera avec plus d'indulgence. [II, 294; itálicos nosso.]

Alexander von Humboldt encara muitas questões: a narrativa de um percurso de viagem é compatível com os resultados científicos apresentados? Qual é o melhor modo “pour captiver [...] la bienveillance d'un auditoire un peu avide de choses nouvelles” [II, 485]? O dilema do escritor é que ambos os segmentos narrativos “prejudicam” a “objetividade” e as passagens “científicas” – ou vice versa (LEASK, 2002, p. 243-98). Humboldt se desculpa por seus lapsos no interior da narrativa:

J'ose rapporter un fait qui n'est pas d'un grand intérêt pour le lecteur, mais que je crois pouvoir consigner dans un journal qui peint les incidens d'une navigation à travers un pays si sauvage. [II, 513]

Ao mesmo tempo, ele está bem consciente dos benefícios oferecidos por uma narração coerente, não-interrompida por uma longa e interminável digressão sobre as temperaturas d'água ou das placas terrestres: “pour ne pas perdre le fil de la relation de mes voyages” [III, 322]; “comment interrompre [...] la narration” [I, 13]. Ele admite ser tentado a uma narração literária (“je vais tracer la route que nous avons suivie...” [II, 160], “le récit de mon voyage à l'Orénoque” [III, 62]). De fato, isso permite um certo teor de espontaneidade (“avec la plus naïve candeur” [III, 125], “cet exposé rapide” [II, 661]), e gera um sentimento de autenticidade e veracidade. Pode-se igualmente validar a informação científica relacionando-as às impressões empíricas (“les sensations qu'il éprouve” [I, 30]); mas as sérias pesquisas também, a seu ver, merecem ser apresentadas de tal modo a permitir uma concentração temática.

O relato de viagem de Humboldt deseja ser duas coisas ao mesmo tempo: narrativa de viagem (com elementos de diário) e não-ficção (junto a uma variedade de disciplinas). Seu gênero está em algum lugar entre a literatura de viagem científica e a tradicional, “une tradition qui a une physionomie si romanesque” [II, 485]. O narrador reflete as duas faces de seu projeto “deux objets très-distincts: les évènements plus ou moins importants qui ont rapport au but du voyageur, et les observations qu’il a faites pendant ses courses.” [I, 30]. A ambição que emerge a partir de um gênero tão heterogêneo pode ser definida em termos clássicos: ela oscila entre *prodesse* e *delectare*, entre seus eruditos “détails” e seus “charming” retratos [I, 32].

O resultado é um compromisso: observações são reunidas em análises mono-temáticas que interrompem de tempos em tempos a narração.<sup>85</sup> Ciência e narrativa têm sua vez no texto. Mas não harmonicamente, antes competindo agressivamente. Alexander von Humboldt prevê que seu projeto de inventar uma forma científica e popular de literatura de viagem irá falhar. “[J]e sens vivement que je n’ai pas toujours réussi à séparer les observations de détail de ces résultats généraux qui intéressent tous les hommes éclairés.” [I, 14]

O processo de escrita, com todas as suas dificuldades e *aporias*, é discutido longamente.<sup>86</sup> As considerações auto-referenciais, auto-reflexivas, meta-textuais são frequentes.<sup>87</sup> A diversidade dessas auto-reflexões espelham a diversidade na forma estilística. Sua incoerência produz nos leitores uma outra fonte de desorientação.

Tal com em sua declaração de autoria, o título é ambivalente em sua dimensão de gênero poético: *Relation* significa, primeiro, narração, e segundo, relação, estabelecimento de conexões, esboço de referências. A primeira definição de “relation” expressa seu gênero narrativo, a segunda definição, um procedimento científico, especificamente um

<sup>85</sup> “Avant de reprendre le fil de ma narration, il me reste à ajouter quelques réflexions générales... » [II, 712]; « j’ai interrompue souvent la partie historique par de simples descriptions » [I, 31].

<sup>86</sup> “Pour éviter des circonlocutions fastidieuses... » [III, 63] « Pour ne pas interrompre la description... » [III, 200], « nous nous bornerons... » [III, 203], « Je terminerai ce chapitre... » [III, 574], « Pour compléter ce troisième volume... » [III, 580].

<sup>87</sup> Próximo das próprias referências citadas, outras formas podem ser detectadas em formulações, tais como, “cet article,” “cet ouvrage” [III, 259] etc.

método comparativo extensivamente praticado por Humboldt (que criou referências globais em vários níveis de pesquisa). Além disso, o termo exige uma fundamental tentativa de buscar a relação entre o “velho” e o “novo” mundo, o “próprio” e o “estrangeiro”.

O termo *Voyage* está também aberto à interpretação, varia muito em sua significação. Por um lado, em seu sentido coloquial é tomado como uma “longa viagem”, que pode ser entendida como uma “expedição”, a qual provê dados para análises científicas, e, portanto, prontamente descreve o projeto assumido por Humboldt entre 1799 e 1804 – ou denota o gênero que o reporta. Por outro lado, também em seu senso estrito, significa “excursão” [II, 389], denotando um campo de viagem no interior de uma viagem maior, ou, em seu sentido mais amplo, um fenômeno histórico de “migração” [II, 427 e III, 13] ou “nomadização.” [II, 429]. A palavra adquire diferentes sentidos, similarmente, o termo aparece capitalizado, “le Voyage du major Pike” [III, 76], e refere-se a uma expedição de um colega particular, no plural, “tout le cours de mes voyages” [III, 216], não está claro se ela inclui as viagens de Humboldt antes e depois da viagem à América. Ou, se é simplesmente suposto para designar todas as excursões realizadas nessa viagem, em específico. Em outra ocasião, “mes voyages” [III, 322] parecem designar a viagem completa à América.

O termo *Historique*, por último, refere-se tanto ao gênero literário da narrativa, bem como à acadêmica disciplina da historiografia. A vaguidão dos termos *Région*, *Équinoxiale*, *Nouveau* e *Continent* como descritores do objeto da viagem (e o relato deles) foi discutido acima. O título que Humboldt escolhe já prefigura muito dos elementos inerentes ao empreendimento literário.

A *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent* de Alexander von Humboldt apresenta sua própria desestabilização sistemática, e em muitos níveis. A coerência do relato se dissolve estruturalmente, tipograficamente, linguisticamente, estilicamente e auto-referencialmente.

O quanto o tipo ideal da literatura de viagem (como definido no início deste ensaio) foi um modelo histórico largamente esperado pelos leitores e o quanto funcionou como uma idéia reguladora (da qual Humboldt ele mesmo se distancia) torna-se clara quando compara-se a *Relation* de Humboldt à retórica dos artigos de jornais sobre a expedição de Humboldt, e as versões inautênticas de sua história as quais circularam ilegalmente em seu nome.<sup>88</sup> Até mesmo a história de suas edições confirma quão desviantes a publicação de Humboldt era das idéias convencionais e das exigências normativas (e ainda é até hoje). O texto original foi suprimido por inúmeras “substituições e extratos,” (ETTE, 1996, p. 98-126) os quais diminuem o texto, mitiga sua heterogeneidade, e pretende uma narração compacta e coerente, a qual o relato de viagem *não* é.<sup>89</sup> Humboldt rejeitou a única pequena versão alemão.<sup>90</sup> Da segunda tradução que foi realizada durante seu vida<sup>91</sup> até as duas mais extensas

<sup>88</sup> Por exemplo: J. C. de Lamétherie, « Notice d'un voyage aux tropiques, exécuté par MM. Humboldt et Bonpland en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804. Par J. C. Delamétherie » *Journal physique* 12/13.59 (1804) 122-139; German version: *Reise der Herren v. Humboldt und Bonpland nach den Wendekreisen in den Jahren 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 und 1804. Ein Auszug aus ihren Memoiren von J. C. Delametherie. Aus dem Französischen* (Erfurt: Beyer und Maring, 1805), 76 pages; [Friedrich Wilhelm von Schütz,] *Alexander von Humboldts Königl. preussischen Bergraths Reisen um die Welt und durch das Innere von Südamerika. Ein interessantes Lesebuch für die Jugend. Vom Verfasser von Cooks Reisen um die Welt* (Hamburg/Mainz: Vollmer, 1805), vol. 1; *Alexander von Humboldts Reisen um die Welt und durch das Innere von Südamerika. Interessantes Lehrbuch für die Jugend vom Verfasser von Cooks Reisen um die Welt* (Hamburg/Altona: Vollmer, 1807), vol. 2; para outras narrativas não autorizadas, ver : Fiedler/Leitner, *Alexander von Humboldts Schriften*, 89-103.

<sup>89</sup> Na lista das traduções ainda incompletas: a poética híbrida é mal reconhecida: (Ed. Wilhelm F. Burr). *Durch das tropische Südamerika. Aus Alexander von Humboldts Berichten über seine Reise in die Äquinoktial-Gegenden des neuen Continents*. Leipzig: Voigtländer, 1911; Humboldt, Alexander von. (Ed. Fritz Gansberg). *Auf dem Orinoco. Eine Reise in die Äquinoktialgegenden des neuen Continents*. Hamburg: Janssen, 1911; (Ed. Paul Alfred Merbach). *In Südamerika*. Leipzig: Brockhaus, 1927; (Ed. Arthur Schiel). *Alexander von Humboldts Reise in Südamerika*. Breslau: Hirt, 1930; a edição militar (“Feldpost”), (Ed. Hans Wohlbold). *In den Urwäldern und Llanos von Südamerika*. Cologne: Hermann Schaffstein, 1942; (Ed. M. Simons). *Abenteuer auf Strom und Steppe*. Heidelberg: Kemper, 1947; (Ed. Adolf Meyer-Abich, revised by Adalbert Plott). *Vom Orinoco zum Amazonas. Reise in die Äquinoktial-Gegenden des neuen Continents*. Wiesbaden: Brockhaus, 1958; (Ed. Anneliese Dangel). *Auf Steppen und Strömen Südamerikas. Reise in die Äquinoktialgegenden des Neuen Continents*. Leipzig: Brockhaus, 1959; (Ed. Herbert Scuria) *Tagebuch vom Orinoco*. Berlin: Verlag der Nation, 1959; (Ed. Jürgen Starbatty). *Die Reise nach Südamerika*. Göttingen: Lamuv, 1985.

<sup>90</sup> *Reise in die Äquinoktial-Gegenden des neuen Continents in den Jahren 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 und 1804. Verfasst von Alexander von Humboldt und A. Bonpland* [sic]. Trad. Paul Usteri e F. G. Gmelin, possivelmente também Therese Heyne-Forster-Huber e Viktor Aimé Huber.. Stuttgart and Tübingen: Cotta, 1815-1832, 6 volumes.

<sup>91</sup> *Alexander von Humboldts Reise in die Äquinoktial-Gegenden des neuen Continents*. In deutscher Bearbeitung von Hermann Hauff. Nach der Anordnung und unter Mitwirkung des Verfassers. Einzige von A. v. Humboldt anerkannte Ausgabe in deutscher Sprache. Stuttgart: Cotta, 1859-1860, 4 volumes.

traduções disponíveis hoje,<sup>92</sup> todas são legíveis e fechadas e, portanto representam mal a forma original.<sup>93</sup>

Outros textos das obras completas de Humboldt ajudam a entender a forma do *Relation Historique*: os diários de viagem<sup>94</sup>, *Vues des Cordillères et Monumens des Peuples Indigènes de l'Amérique*,<sup>95</sup> *Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne*<sup>96</sup> com *Atlas Physique et Géographique du Royaume de la Nouvelle-Espagne*<sup>97</sup>, *Atlas Géographique et Physique des Régions Équinoxiales du Nouveau Continent* com a descoberta e a geografia-histórica de *Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent, et des Progrès de l'Astronomie Nautique aux Quinzième et Seizième siècles*.<sup>98</sup>, *Ansichten der Natur*<sup>99</sup> e, finalmente, o *Kosmos*.<sup>100</sup> A comparação desses trabalhos deixa-nos claro que a escrita de Humboldt não era

<sup>92</sup> A então chamada “*Studienausgabe*” (“Edição para Estudo”) não é útil para estudo filológico. Parágrafos completos foram tirados dessa edição, sem que isso tenha sido notificado. Apenas poucas das muitas notas de rodapé de Humboldt permaneceram. HUMBOLDT, Alexander von. (Ed. Hanno Beck, tradução de Paul Usteri e Therese Heyne-Forster-Huber). *Die Forschungsreise in den Tropen Amerikas*. “*Studienausgabe*,” seção 2. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997, 3 volumes. Até na mais completa e cuidadosa edição publicada em alemão, a proliferação de tabelas, notas de rodapé e outras formas de apresentação têm sido deixado de fora. As passagens escolhidas estão limitadas à experiência de Humboldt na Venezuela, os capítulos sobre Cuba foram cortados. HUMBOLDT, Alexander von. (Ed.) Ottmar Ette, baseado em traduções de Hermann Hauff and Paul Usteri e Therese Heyne-Forster-Huber. *Reise in die Äquinoktial-Gegenden des Neuen Kontinents*. Frankfurt: Insel, 1991, 2 volumes.

<sup>93</sup> A crítica das duas edições mais recentes: WEIGL, Engelhard. “Alexander von Humboldt und die ‘Sprache der Zahlen’. Anmerkungen zu neuen Werkausgaben.” *Merkur* 521, 1992, p. 711-16.

<sup>94</sup> *Reise auf dem Río Magdalena, durch die Anden und Mexico* [seleção dos diários]. (Ed. e trad.) Margot Faak. Berlin/GDR: Akademie-Verlag, 1986 e 1990, 2 volumes. Essa edição engloba os últimos dois terços da viagem depois do fim repentino do relato de viagem; o primeiro volume contém a versão original, o segundo, a tradução alemã. O diário de viagem de Humboldt inicia em alemão; começando em Quito (em janeiro de 1802), e em passagens rápidas que se iniciam em Bogotá (em julho de 1801), o texto começa a mudar para a francês. O outro volume cobre o primeiro terço da viagem que é narrado no relato de viagem: *Reise durch Venezuela. Auswahl aus den amerikanischen Reisetagebüchern*. (Ed.) Margot Faak. Berlin: Akademie-Verlag, 2000.

<sup>95</sup> *Vues des Cordillères, et monumens des peuples indigènes de l'Amérique*. Paris: Schoell, 1810-1813.

<sup>96</sup> *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle-Espagne. Avec un Atlas physique et géographique, fondé sur des observations astronomiques, des mesures trigonométriques et des nivellements barométriques*. Paris: Schoell, 1808-1811, 2 volumes.

<sup>97</sup> *Atlas physique et géographique du royaume de la Nouvelle-Espagne, fondé sur des observations astronomiques, des mesures trigonométriques et des nivellements barométriques*. Paris: Schoell, 1808-1811.

<sup>98</sup> *Atlas géographique et physique des régions équinoxiales du Nouveau Continent, fondé sur des observations astronomiques, des mesures trigonométriques et des nivellements barométriques*. Paris: Librairie de Gide, 1814-1838. Volume textual: *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent, et des progrès de l'astronomie nautique aux quinzième et seizième siècles*. Paris: Librairie de Gide, 1814-1838.

<sup>99</sup> *Ansichten der Natur mit wissenschaftlichen Erläuterungen*. Tübingen: Cotta, 1808, 2 volumes [primeira edição]. Stuttgart: Cotta, 1826 [second edition]. Stuttgart/Tübingen: Cotta, 1849 [terceira edição].

<sup>100</sup> *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Stuttgart/Tübingen: Cotta, 1845-1862, 5 volumes. Compare o popular (Ed.) Jürgen Hamel and Klaus-Harro Tiemann. “Cosmos Lectures: Über das Universum. Die Kosmosvorträge 1827/28 in der Berliner Singakademie.” Frankfurt: Insel, 1993.

simplesmente caótica. Cada texto tem sua própria poética, e eles não estão relacionados àqueles relatos de viagem.<sup>101</sup>

Alexander von Humboldt refere-se a três grupos de precursores, embora a forma usada a partir deles não fizesse com que Humboldt fosse considerado um derivativo dos mesmos. Textos sobre países estrangeiros da Antiguidade: Heródoto, Strabão, Diodoro, Plínio e Tácito; os clássicos da descoberta da literatura de conquista da América: Colombo, Cortés, Cabeça de Vaca ou Bernal Díaz e publicações do século XVIII que descrevem viagens reais ou fictícias: Condamine, Bougainville, Forster, Bernardin de Saint-Pierre, Prévost e La Pérouse. Embora alguns desses documentos pareçam ao menos parcialmente antecipar elementos característicos de *Relation Historique*, as poéticas de Humboldt são exemplares e sem um equivalente no que tange à sua extrema hibridez. E mesmo de acordo com os textos de viagens contemporâneas, os textos de Humboldt permanecem altamente não-convencionais.

A ausência da forma homogênea é um defeito? Tem a *Relation Historique* falha no seu centro? É o texto de Humboldt um fracasso como forma literária? Ou pode sua heterogeneidade dele ser lida como uma estratégia específica para afastar a realidade estrangeira da aparência tangível. Estamos lidando com uma escrita experimental inconceituável, a qual se espiralou para além do controle? Ou o projeto de totalização se transformou em sua própria desconstrução?

O sujeito do relato de viagem, o objeto, o remetente e o *corpus* textual estão continuamente e sistematicamente obscurecidos. Essa complexa auto-desconstrução não pode ser habilmente explicada como um fracasso literário – “*textual accident*” (BÖHME, 2001, p. 25), nem como uma tentativa de mimesis da natureza – “a escrita de Humboldt tenta *simular* a natureza”<sup>102</sup> (ETTE, 1996, p. 1571) nem como uma convenção poetológica – “*pathos* do fragmento” (BLUMENBERG, 1983,

<sup>101</sup> Ottmar Ette é vanguardista na recepção literária da obra de Alexander von Humboldt. Ver: ETTE, Otmar. *Weltbennüftsein*, 127-231.

<sup>102</sup> Ver igualmente: (Ed.) Brigitte Schlieben-Lange, Hans-Dieter Draxler, Franz-Josef Knapstein, Elisabeth Volck-Duffy, e Isabel Zollna. “Der Blick auf das Andere: Eine kontrastive Lektüre der Reisen Alexander von Humboldts und Fray Servando Teresa de Miers.” *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der ‘idéologie’*. Münster: Nodus, 1991, v. 2, p. 137-71, 2 volumes, aqui: 143.

p. 281-99); e também não pode ser considerada como uma maneirismo literário ou como um jogo formalista. E, por último, as dificuldades encontradas nas leituras literárias dos textos de Humboldt não podem ser atribuídas ao problema que envolve a tentativa de considerar um trabalho de “ciência” como *literatura*.

O texto de Alexander von Humboldt anula as exigências teóricas de seu próprio gênero, e subverte o discurso americanista do qual ele faz parte. Como um relato de viagem, ele desconstrói os parâmetros tradicionais de sua própria forma e assim – “pós-moderno” ou “pós-colonial” *avant la lettre* – rompe com as expectativas.

Alexander von Humboldt continuamente desorienta seus leitores. Ele cancela todas as possibilidades de identificação: com um viajante, voz narrativa ou autor “real”, com a região para a qual ele viaja como um objeto do discurso claramente designado, com a entidade coletiva de uma comunidade de interpretação e com relação a um texto de estatuto poetológico inquestionável. Mesmo a credibilidade dos elementos básicos do relato de viagem se torna fundamentalmente provocada. Essa destruição formal revela a principal mensagem do texto. Identidades coerentes e diferenças claras simplesmente não existem. Essa mensagem é codificada na poética de Humboldt antes que seu conteúdo seja representado. O que é estrangeiro, estranho ou “outro” não pode ser claramente contado, concebido ou descrito.

Essa achado é formalmente inscrito na narrativa de viagem de Alexander von Humboldt. Sua *Relation Historique* relata de muitas formas seu próprio colapso, um colapso de seu gênero que tem uma vasta gama de implicações. Ele questiona a efetividade da representação colonial. Humboldt não é, de nenhum modo, o autor da “totalidade”, desde a qual ele é frequentemente considerado. Seu escrito lida antes com a impossibilidade de apreender a realidade estrangeira e apresentá-la nas formas tradicionais da literatura (metropolitana). A estética de Humboldt é uma estética da certeza perdida, sua poética é uma poética da forma *des*-autorizada. O relato de viagem de Humboldt é uma alegoria

da desconstrução do relato da viagem, da inadequação dos formatos autorais para alcançar a diferença cultural.

Esse trabalho pode e deve ser compreendido, não só em um sentido negativo, como o cancelamento de uma forma obsoleta de representação, mas também positivamente como a abertura para novas perspectivas. Ele não dissolve simplesmente o relato convencional de viagem, mas o substitui com algo novo: uma forma diferente que não apenas reprova a prática convencional, mas aponta criativamente para o futuro, para a poética moderna. Poética esta que não pode mais ser compreendida a partir de uma perspectiva centralista, pois é retratada cubisticamente como o objeto de muitos pontos de vistas simultâneos. Humboldt transforma aquilo que não pode ser contado na forma de um monólogo em objeto de um texto polifônico. Talvez Friedrich Nietzsche tenha definido intuitivamente a significância de sua escrita quando, na sua única nota sobre Alexander von Humboldt, começa com essas palavras: “*Die Mängel des Stils geben ihm bisweilen seinen Reiz*.” / “As deficiências de estilo às vezes têm um certo charme”.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Memory and Forgetting*. Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism [1983]. London/ New York: Verso, 1991.

BAYO, Armando. *Humboldt*. La Habana: Instituto del libro/Editorial de ciencias sociales, 1970.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London; New York: Routledge, 1994.

BARTHES, Roland. La mort de l’auteur. In: MARTY, Éric (Ed.). *Œuvres complètes*. Paris: Seuil, 1994. v. 2, 1966-1973.

BARTHES, Roland. Introduction à l’analyse structurale des récits. In: \_\_\_\_\_ et al. *Poétique du récit*. Paris: Seuil, 1977.

BECK, Hanno. Zu dieser Ausgabe des amerikanischen Reiseberichtes. In: HUMBOLDT, Alexander von. *Die Forschungsreise in den Tropen Amerikas*. Ed. Hanno Beck, 3 volumes. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997. v. 3, p. 371-489.

BENVENISTE, ÉMILE. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

BIERMANN, Kurt-R. Zur Vervollständigung des unvollendeten Berichts Alexander von Humboldts über seine amerikanische Forschungsreise. In: von HUMBOLDT, Alexander. *Reise auf dem Río Magdalena, und durch die Anden México*. Teil I: Texte. Berlin: Akademie-Verlag, 1986. p. 9-26, p. 11-12.

BLUMENBERG, Hans. Ein Buch von der Natur wie ein Buch der Natur. *Die Lesbarkeit der Welt* [1981] Frankfurt: Suhrkamp, 1983.

BÖHME, Helmut. Ästhetische Wissenschaft. Aporien der Forschung im Werk Alexander von Humboldts. In: ETTE, O. et al. (Ed.). *Alexander von Humboldt – Aufbruch in die Moderne*. Berlin: Akademie-Verlag, 2001.

ETTE, Ottmar. Der Blick auf die Neue Welt. HUMBOLDT, Alexander von. *Reise in die Äquinoktial-Gegenden des Neuen Kontinents*, 2 v. Ed. Ottmar Ette, with recourse on the translations by Hermann Hauff and by Paul Usteri and Therese Heyne-Forster-Huber in part newly translated. Frankfurt: Insel, 1991, v. 2.

\_\_\_\_\_. *Weltbewußtsein*. Alexander von Humboldt und das unvollendete Projekt einer anderen Moderne. Weilerswist: Velbrück, 2002.

\_\_\_\_\_. Von Surrogaten und Extrakten: Eine Geschichte der Übersetzungen und Bearbeitungen des amerikanischen Reisewerks Alexander von Humboldts im deutschen Sprachraum. In: KOHUT, Karl. BRIESEMEISTER, Dietrich; SIEBENMANN, Gustav (Ed.). *Deutsche in Lateinamerika – Lateinamerika in Deutschland*. Frankfurt: Vervuert, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Glas*. Que reste-t-il du savoir absolu? Paris: Denoël/Gonthier, 1981. 2 v.

FAAK, Margot. Die 'Tagebücher' Humboldts. *Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution*, 21-50; «Vorwort,» *Reise auf dem Río Magdalena, durch die Anden und Mexico*, trans. and ed. Margot Faak, 2 volumes. Berlin/GDR: Akademie-Verlag, 1986 e 1990.

FIEDLER, Horst; LEITNER, Ulrike. *Alexander von Humboldts Schriften*. Bibliographie der selbständig erschienenen Werke. Berlin: Akademie-Verlag, 2000. p. 65-339.

GREIFF, Jorge Arias de. El diario inédito de Humboldt. *Revista Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales*, v. 13, n. 51, dec. 1969.

GREENBLATT, Stephen. *Marvelous Possession*. The Wonder of the New World [1991]. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

HUMBOLDT, Alexander von. *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*. Fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt. Paris: Schoell/Maze/Smith et Gide fils, 1814-1818.

HUMBOLDT, Alexander von. (Ed.). Margot Faak. *Lateinamerika am Vorabend der Unabhängigkeitsrevolution*. Berlin/GDR: Akademie-Verlag, 1982.

HUMBOLDT, Alexander von. *Essai politique sur l'île de Cuba*. Paris: Libraire de Gide fils, 1826.

ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*. Theorie ästhetischer Wirkung. Munich: Fink, 1994.

\_\_\_\_\_. *Der implizite Leser*. Kommunikationsformen des Romans von Bunyan bis Beckett [1972]. Munich: Fink, 1994.

KISCH, Egon Erwin. Humboldt, politisch und privat. *Mein Leben für die Zeitung 1926-1947*, v. 9. Ed. Bodo Uhse and Gisela Kisch, continuado por Fritz Hofmann e Josef Poláček. Berlin/Weimar: Aufbau, 1983.

JOYCE, James. *Finnegans Wake* [1939]. Ed. por Seamus Deane. London: Penguin, 1992.

LEASK, Nigel. Alexander von Humboldt and the romantic imagination of America: The impossibility of Personal Narrative. In: \_\_\_\_\_. *Curiosity and the Aesthetics of Travel Writing, 1770-1840*. From an Antique Land?. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LEITNER, Ulrike. Ich weiß wohl, daß ich meinem Werk über die Natur nicht gewachsen bin´. Das amerikanische Reisewerk . *Alexander von Humboldt. Netzwerke des Wissens*. Ed. Frank Holl. Berlin: Haus der Kulturen der Welt, 1999, p. 130-31.

LOETSCHER, Hugo. Humboldt und die Rehabilitierung eines Kontinentes. *Du*, v. 30, n. 355, 1970.

MAN, Paul de. Autobiografia as De-Facement. *MLN*, v. 94, n. 5, dez. 1979.

MONGE, Rodrigo Quesada. Humboldt, Bolívar y Marx: encuentros y desencuentros. *Casa de las Américas*, n. 216, jul./set. 1999.

OPPITZ, Ulrich-Dieter. *Der Name der Brüder Humboldt in aller Welt*. Alexander von Humboldt. Werk und Weltgeltung. Munich/Piper: Ed. Heinrich Pfeiffer, 1969.

O’GORMAN, Edmund. *La invención de América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

SAID, Edward. *Orientalism*, [1978]. New York: Vintage, 1979.

SANTÍ, Enrico Mario. Latino americanismo. *Vuelta*, v. 18, n. 210, maio 1994.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte et al. (Ed.). *Der Blick auf das Andere: Eine kontrastive Lektüre der Reisen Alexander von Humboldts und Fray Servando Teresa de Miers*. Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der ‘idéologie’. Münster: Nodus, 1991. 2 v.

TODOROV, Tzvetan. *La conquête de L’America*. La question de l’autre [1982]. Paris: Seuil, 1992.

Recebido em 23 de maio de 2009

Aprovado para publicação em 14 de julho de 2009